

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

D. NARCISA DE VILLAR



D. NARCISA DE VILLAR

LEGENDA

DO TEMPO COLONIAL

PELA INDYGENA DO YPIRANGA



RIO DE JANEIRO

TYPOG. DE F. DE PAULA BRITO

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO

1859.

AO PUBLICO

Não é um prologo o que vou escrever: sempre embirrei com elles, e jamais me recordo de os haver lido, por breves que fossem.

Porém, dando publicidade a um de meus escriptos, vencendo, enfim, a extrema timidez de o fazer conhecido do publico, vou rogar a benevolencia d'aquelles que me lêrem como um discipulo que se quer instruir. Sem essa vaidade, tão mal cabida n'algumas de meu sexo que, compondo alguma cousa, julgam-se poetisas consummadas, eu tanto mais ganharia com o juizo sensato de pessoas de criterio, quanto o desprezo com que olhassem para as minhas pobres linhas ser-me-hia prejudicial.

Assim, pois, é com a maior humildade que me apresento a vós, benevolo leitor, rogando-vos animeis com o vosso acolhimento a primeira producção de meu espirito. Se realisardes as minhas esperanças, fareis desenvolver o meu talento, que se aniquilará até a ultima scentelha com o vosso despreço.

D. Narcisa de Villar foi escripta quando apenas tinha eu 16 annos: merece portanto que desculpeis a mediocridade da linguagem e a singeleza com que decorei as scenas.

A *Delphina* de Madame Stael não é sem defeitos, e entretanto ella foi recebida em Paris com estrondoso aco-

lhimento; assim como a tímida e ingenua *Clara d'Alba?* por simples que é de atavio, não deixou de ganhar á boa Madame Cotin, um nome illustre na republica das letras.

Permitti-me contar, que fareis tambem com que um dia seja tão favoravelmente acolhido, por seus compatriotas, o humilde e grato nome com que subscreve os seus ainda mais humildes escriptos a

Indigena do Ypiranga.



PROLOGO

No bello archipelago da barra de S. Francisco Xavier, ha uma ilhota chamada a —Ilha de Mel.— Não sei o motivo deste nome que a tradicção tem conservado até nossos dias, o que sei é que está até hoje inculta e inhabitada; alguns pescadores a visitam quando não teem outro pento mais facil de descanso, e os passaros escolhem nella os lugares onde fazem os seus ninhos.

Ninguem se aproxima della á noite, porque dizem que a ilha é *mal assombrada*, e muitos affirmam terem ali visto visões medonhas, capazes de matar de susto a uma duzia daquelles bons lavradores.

Uma noute de inverno, na minha infancia, achava-me com minha familia na Ponta Grossa, onde estavamos hospedadas em casa de umas gentes as mais antigas do lugar. Ao pé de um bom fogo, cujo calor saboreavamos com delicias, pelo frio que fazia, e onde se assavam carás e batatas róxas, que eu comia com delicioso prazer, eu ouvia tambem as historias

que me contavam duas Indias velhas, com seu fallar pausado e cadencioso, com essa algaravia unica, em que se misturam as linguas primitiva e a portugueza adoptada, que tanto me agradava.

De vez em quando aticavam ellas as chaminas, e tiravam do braseiro, com tenazes de páo, carás e batatas tão bem cosidos como se tivessem sido preparado no forno. Com a viveza propria de meu character, eu fazia mil perguntas á tia Simôa e á mãi Michaela, as duas irmãs Indias. N'essa noite ouvi muitos factos interessantes ácerca dos Padres Santos (1) que seria longo narral-os.

Porém o que mais me impressionou, e que guardei fielmente na memoria, foi uma legenda da Ilha do Mel.

Mãi Michaela, disse eu á mais velha das Indias, por que causa ninguem vai á Ilha do Mel, e todos dizem ser ella mal assombrada?

— Ah! Taim (2), me respondeu ella persignando-se e pulando na sua esteira: ah! ah! (3) meccê quer saber uma historia tão feia?!

(1) Os Jesuitas: assim são elles tratados por essa gente de coração tão simples!

(2) Taim, tratamento indigena, que quer dizer: menina, senhora solteira. E' como *Mademoiselle* dos Francezces, ou *Miss* dos Inglezes.

(3) E' impossivel reproduzir-se aqui o tom e modo com que fazem esta graciosa exclamação as gentes daquelle paiz.

Padre, Filho, e Espirito Santo! mecê não ha de pregar olhos esta noite.

Não, Deos Nosso Senhor me livre de contar-lhe isto.

— Está bem, mãi Michaella, como vossê se recusa aos meus desejos, voltar-me-hei á tia Simôa, e ella me fará a vontade; além disso, não lhe hei de ensinar as Bemaventuranças, nem lhe hei de ler amanhã a historia da Princeza Magalona.

— Um! um! um, Taim! mecê ha de fazer tudo isto?.

Virgem Maria! Então vou contar-lhe tudo, se mecê tiver medo, eu direi á sua madre que mecê me obrigou: olhe que é uma historia do Anhangá! (4)

— Não, boa mãi Michaella, não tenho medo do *Anhangá*; dê-me mais um cará assado, e comece a sua historia.

A boa mãi Michaella, temendo-se talvez de minhas ameaças, não quiz incorrer na pena de privar-se do que era para ella um grande prazer, ouvir a leitura desses livros, e obter uma lição religiosa que com tanta fé desejava: e pois começou a sua historia do modo por que a vamos expor; porém como nos é impossivel referil-a com o tom e termos caracteris-

(4) *Anhangá*, espirito maligno.

X.

ticos com que ella nos contou, perdoe-nos o leitor que a substituamos pela nossa linguagem, guardando todavia certas expressões que pertencem inteiramente á narradora.



D. NARCISA DE VILLAR

I.

O lugar da Ponta Grossa, na Villa de S. Francisco Xavier, hoje cidade da Graça, que está retalhado por muitos possuidores, foi em outro tempo, isto é, no principio da colonia, limites de uma extensa fazenda, que pertencia a um grande fidalgo chamado D. Martim de Villar, governador da mesma colonia.

Este cavalheiro vivia com dous irmãos mais moços, D. Luiz e D. José de Villar.

Como nem sempre a escolha de governadores das colonias brasileiras recahia em pessoas, cuja prudencia e justiça guiassem um povo infante, que começava a abrir os olhos para a civilização, tendo as vistas ainda cheias das nevoas da idolatria e da ignorancia; o gabinete portuguez enviava a estes lugares homens a quem queria proteger, e de quem esperava grandes vantagens, pelo muito que arrecadassem.

Estes governadores, usando quasi sempre de um poder despotico, os unicos sentimentos que despertavam nesses espiritos tão impressionaveis que podiam fazer voltarem-se facilmente ao bem, eram os da aversão e vingança. A iniqua oppressão e torpe injustiça que quasi geralmente era exercida contra essa pobre gente, cimentavam com incremento fatal esse odio terrivel, cujo amargor devia legar em herança a suas futuras gerações, esse povo então na infancia dos costumes.

O vicio praticado por tantos faccinorosos sahidos das cadêas de Lisboa, que vinham povoar as colonias, progredia com mais força, supplantando toda a sombra de civilisação que não podia medrar sem religião. Por isso vemos até hoje muitas de nossas villas e cidades tão antigas na historia e tão retrogradadas no engrandecimento.

D. Martim de Villar era um dos tyrannos mandados ao Brasil em quem recahira a má escolha do governo portuguez.

O barbaro tratamento e despotismo, que elle exercia sobre seus numerosos administrados, faziam-n'o odiar por essa gente de coração tão sensivel e a quem elles chamam selvagens.

Finalmente, a religião e costumes, a instrucção dos pobres indios, que compunham a sua colonia, nenhum peso tinham em seus cuidados.

O que lhe merecia attenção era o proveito que

delles podia tirar, deixando o resto a cargo de subalternos viciosos que ensinavam aos infelizes o gosto pelas orgias e corrupção.

Longe pois de attrahir sobre si as benções de seus subditos, sómente havia feito nascer o temor, em vez do respeito em todos os corações. Natureza egoista, orgulhosa e fria, elle julgava essa especie nascida para a submissão e trabalho, e suas penas nenhuma sensibilidade achariam naquella alma dessecada pela ambição, que presumia com desdem, que os pezares não deviam tocar a entes incapazes de reflectir. Na sua opinião os Indios de sua colonia eram os mais ditosos. Não lhes faltava o pão, tinham roupa para cobrir-se e tarefa dobrada. Assim julgam muitas vezes os tyrannos do povo, não pensando que a alma necessita tambem de alimento! Seus dous irmãos o acompanhavam em seus sentimentos e opiniões, e as crueldades que exerciam quando reünidos administravam justiça, os fazia denominar por todo o povo, homens do raio.

Algum tempo depois que D. Martim estava naquelle lugar, veio ter com elle uma sua irmã, vinda de Lisboa, e toda coberta de luto por ter perdido recentemente sua mãe.

D. Narcisa de Villar, que assim se chamava a menina, não tinha mais que doze annos, porém seu talhe era tão delgado que se lhe não daria mais do que oito. Sua physionomia era doce e meiga; parecia que

a dôr a tinha tocado mui cedo, porque seu sorriso era sempre melancolico, e seu semblante pensativo. Bem má companhia vinha a innocente criança buscar, porque seus irmãos muito pouco interesse mostravam por ella. Aborrecendo-se da sociedade de uma criança, achando fastidiosos os cuidados que ella merecia, a deixaram entregue aos famulos que os serviam, e raramente a viam. A pobre menina a principio chorou muito, porém era de genio tão docil que bem depressa se resignou á sua nova situação, e por fim acostumou-se a não vêr mais seus irmãos. Havia entre as Indias que a serviam uma que se fazia notavel pelo seu character. Chamava-se ella Ephigenia e tinha um filho de nome Leonardo.

Ella era intelligente e affavel, e amava extremamente seu filho, e de tal modo se affeioou á menina, que não podia um momento afastar-se della sem tristeza. Seus cuidados e desvelos em tratar de sua joven ama, eram tão sollicitos, que não puderam ser desconhecidos ao bom coração da nobre orphã. Esquecida de seus parentes, expatriada, sem nenhuma outra sociedade que a dos seus criados, ella não pôde deixar de ser sensivel aos cuidados extremos da India, e o reconhecimento muito vivo que sentia por estes dous entes, que tanto por ella se interessavam, se foi transformando pouco a pouco em amizade, de sorte que D. Narcisa não podia já viver sem Ephigenia e

seu filho. Querendo mostrar mais vivamente a sua gratidão á India, tomou a si o trabalho da educação de Leonardo; ensinou-o a lêr, e instrui-o tanto, quanto pôde na religião catholica, fazendo o discipulo admiraveis progressos com aquella mestra inspirada. Sua doçura, humildade e obediencia o tornavam tão digno aos olhos de sua ama, que cada dia ella se occupava com mais ardor da tarefa de o educar. Quanto aos sentimentos que inspiravam ao menino as acções de sua senhora, chegavam á idolatria. Sentia ella tão vivamente os prazeres alheios, tendo sempre palavras de consolação que dar aos que soffriam, com uma expressão tão distincta, que elle reconhecia nella essa linguagem do céo que tinha aprendido no Evangelho.

Ella era para elle aquelle Deos, em quem lhe ensinava a crêr.

II.

Passaram-se annos, D. Narcisa de Villar ficou moça, e Leonardo era já homem. Elle não andava vestido como seus companheiros d'escravidão; suas roupas eram elegantes e seus modos distinctos.

A moça tornou-se bella como uma divindade. Os seus modos eram tão benevolos, quando tratava

com os pobres, sua caridade tão extensa, que ganhou no povo um amor universal. Um dia, era o dia da festa de N. Senhora da Graça, logo pela manhã foi a moça surpreendida por uma mensagem de seu irmão mais velho, o *Homem Grande* (1). Elle lhe ordenava que fôsse á sua casa vestida com os seus mais bellos ornatos, afim de receber a um illustre hospede que teriam ao jantar. Por mais intempestiva que fosse esta ordem, forçoso foi á orphã sujeitar-se, porque não era possivel deixar de cumprir a vontade de seu irmão. Por isso, á hora aprazada apresentou-se ella na morada do cavalheiro, acompanhada de sua fiel Indigena, deslumbrante de belleza e de graças.

Seu pescoço alvo e longo como o da gaivota de nossas margens, era ornado de collares de diamantes, cujos laços lhe cobriam o alvo collo; seus cabellos pretos e lustrosos como as azas da jacutinga, eram suspensos no alto da fronte por flores de pedras de muito custo. Seu talhe fino e esbelto como o do beija-flor, era desenhado pela longas e profundas pregas de seu vestido de cabaia azul com flores de prata; seus pés calçavam uns sapatinhos de setim branco, de salto, que tornavam ainda mais magestoso o seu andar de rainha. Ah! que era a mais bella virgem de todo o *bairro!*

(1) Costuma assim a chamar as pessoas opulentas aquella boa gente de viver tão simples.

Quando a moça appareceu no salão, seus irmãos, que quasi lhe eram estranhos, ficaram sorprendidos de tanta belleza e magestade, e olhavam entre si admirados. O tempo que havia decorrido, havia feito da menina uma mulher e a resignação naquella coração, tão cedo soffredor, lhe havia sublimado a belleza. Estava com elles um homem em trajo de militar, cujos modos e pessoa muito desagradaram logo á primeira vista á encantadora joven.

Os quatro homens levantaram-se apenas avisaram a donzella, e D. Martim de Villar, o primogenito, pegando-lhe na mão, disse, apresentando-a ao seu hospede:

— Senhor coronel, tenho a honra de apresentar a V. S. minha irmã, a senhora D. Narcisa de Villar. Senhora, continuou, dirigindo-se á sua irmã, o Snr. coronel Pedro Paulo é fidalgo muito distincto que nos honra com a sua amizade.

O militar fez-lhe um polido cumprimento, ao que a donzella respondeu com uma graciosa inclinação, e assentando-se depois na cadeira de damasco, que seu irmão lhe offerecia, a conversação tornou-se geral.

Porém a joven estava constrangida em uma companhia onde era tratada com tão fria civilidade e onde não encontrava um olhar amigo. A solidão tinha-lhe apurado o gosto da boa companhia, habituando seu coração ao deleitavel gozo do senti-

mento; queria prezar alguma coisa nas pessoas com quem tratava para sentir o prazer de com ellas praticar. O seu isolamento não a obrigando a nenhuma dessas conveniências da sociedade, que tanto escravizam as acções de quem vive no grande mundo, elle tinha conservado intactas a franqueza e a ingenuidade de seus sentimentos, que nada tinham soffrido do funesto contagio da dissimulação e hypocrisia acobertadas no mundo com o bello estofo da polidez. Quando se achava contente em uma companhia, era porque realmente seu coração gozava, e todas as suas expressões eram espontaneas; por isso procurou reconhecer algumas qualidades no adjunto em que se via, observando e estudando as pessoas que a rodeavam, para gozar o prazer de com ellas conviver.

Depois de algum exame, D. Narcisa suspirou afflicta, porque esse dia tinha de ser para ella um seculo, sentindo, já o vazio que a rodeava e que nenhum dos circumstantes o podia encher.

Os senhores de Villar tinham, é verdade, bello exterior, mas tambem um não sei que de cruel sareastico em suas physionomias, que desagradava, além disto sua conversação tratava sómente de planos gigantescos, futuras riquezas, e engradecimento pessoal.

Nem uma palavra só de caridade, compaixão ou affeição que denunciassera outros sentimentos que

não fossem a cobiça naquellas almas ambiciosas, alli era ouvida.

O militar, coitado! a não ser os seus bastos e pontagudos bigodes, aos quaes elle pedia alguma distincção, teria a figura de um lacaio, e seus olhinhos pardos, seu nariz largo nas fossas, ornado de um pennacho de cabellos, o desfavoreciam tanto, que a moça desviava delle sempre os olhos com invencivel repugnancia. Mas o *homem* parecia ser o seu máo genio, não tirando della seus olhares de gato, e obrigando-a a attendel-o, dirigindo-se a ella a cada instante.

Para forrar-se a tanto desgosto, a moça procurou nas suas recordações linitivo, e foi então que a suavidade dessa companhia de amigos, que ella tinha todos os dias junto de si, veio-lhe á lembrança abalando-lhe o coração com uma saudade pungente.

Era a primeira vez que a moça tivera necessidade de recorrer á recordação de seus amigòs! Leonardo, que respondia a todos os seus pensamentos, que exprimia todos os seus sentimentos com uma sensibilidade tão meiga! Ao pensar assim, seu coração se entrestecia com a terrivel idéa que pela primeira vez tambem lhe assomava ao espirito, da possibilidade de perder essa ventura. E quando comparava todos esses grandes senhores, que ella via diante de si enfatuados de sua nobreza e fortuna, aos seus amigos que só possuíam a nobreza que dá a

virtude, o filho de Epligenia merecia ter nascido príncipe!

Passado algum tempo, serviram o jantar, que foi tão sumptuoso, quanto insípido para a donzella, depois do qual foram dar um passeio de mar.

Leonardo foi chamado para governar o escaler. Elle estava triste: sua pallidez, que contrastava com o negro de seus olhos expressivos e bellos, dava á sua physionomia o cunho de uma belleza de superior distincção. Suas fórmas elegantes se retracavam por uma vestimenta de algum luxo para a sua condição. Tinha um calção curto, justo ao corpo, conforme a moda de então, meias que lhe subiam até aos joelhos e sapatos com grandes fivellas. Seu gibão de belbutina arrouxado com botões de prata cahia-lhe negligente dos hombros, deixando á amostra seu bello collete branco que lhe cobria todo o peito. Trazia um chapéo branco de castor, de abas largas que lhe occultava graciosamente parte da cabeça, descobrindo-a de outro lado donde sahiam longos anneis de cabellos pretos e lustrosos, que se espalhavam á vontade pelos hombros. O exterior do mancebo era activo e agradável ao mesmo tempo, e ninguem o podia vêr sem sentir-se tocado de admiração. Assim que o joven chegou á praia, appressou-se em offerrecer a mão á sua linda senhora, que saltou com graça para dentro da embarcação. O escaler poz-se a nado, e o tempo sereno que fazia,

promettia um passeio agradável. Os senhores de Villar e seu hospede entregaram-se ás conversas de seu gosto, e que nunca tinham fim, isto é, a enumeração de suas ricas possessões, os seus rendimentos, e o que esperavam ainda possuir. Só Leonardo contemplava mudo e tristemente a deosa daquella festa. Elle desejava morrer naquelle momento, diante della, talvez que a sua agonia, a sua morte arrancassem de seus olhos uma lagrima de compaixão — úma lagrima della, por quem daria com prazer em troco sua inutil vida!..

Porque causa estava o filho de Ephigenia, triste e com idéas de morte?! Ah! é porque o moço amava a donzella de Villar, com toda a força de um coração ingenuo e presentindo sua desgraça, que pela primeira vez conhecia, sentia a distancia que o separava dessa rica e nobre herdeira, elle, pobre filho de uma *administrada!* Entretanto nunca havia pensado em tal: fruira com delicias a companhia adorada do seu bem-amado, com a simplicidade de um amor fraterno. Sómente então, sómente naquelle dia, depois que vira a moça sahir pela primeira vez de sua casa, para ser apresentada a um estranho, foi que elle descobriu todo o fogo de amor que o abrasava. — Amava-a, como se ama a Deos; amava-a mais do que nunca tinha amado a sua mãe: amava como o primeiro homem teria amado a primeira mulher!...

() que se passava no coração da joven, era mais

traizquillo, porém, ali! talvez mais pungente! Ella adivinhava as penas de seu amigo, e a idéa de que poderia vir a ser causa de sua morte a horrorisava, porque tambem estranhos presentimentos a atormentavam e opprimiam seu coração. Comparando esse bello moço cheio de graças, de fraqueza e de coração puro, com o terrivel coronel, que tinha a seu lado, sua alma fugia espavorida de seu peito e ia refugiar-se no seio de seu companheiro de infancia.

Ah! pobres desgraçados, que só não céo teriam o premio de tão grande amor! Enquanto paixões tão diversas dominavam os differentes viajantes deste passeio marítimo, o bote singrava as aguas velozmente, puxado pelos possantes remeiros que o faziam correr, de sorte que se achavam já bem longe de terra. De repente conheceram que estavam em frente da — *Ilha do Mel*.

Um desembarque alli foi proposto e accito, e a merenda servida em uma gruta, maravilha do lugar. No momento em que Leonardo, dando a mão a D. Narcisa, saltava com ella em terra, os gemidos agudos de uma coruja se fizeram ouvir, e de repente os brados penetrantes do *Menino queimado* (2) fizeram arripiar os cabellos dos recém-chegados.

(2) Nome vulgar que a gente do paiz dá á ave nocturna, e pretende ser ella de mão agouro, assim como a coruja. O —menino queimado— é o phantasma com que as mãas mettem medo ás crianças; por isso ninguem o ouve sem

—Oh! disse o militar, máo lugar escolhemos! Viemos invadir os estados deste povo alado, que se offende com a nossa visita. Irral calam n'alma os brados que dão!

—Grande é a força do habito, Snr. coronel, disse o cavalheiro. V. S. se horrorisa deste grasnar selvagem, e paranós nem ao menos o pecebemos.

—Que ave é aquella?

—É um passaro nocturno bem singular. Pensam as velhas que elle é de máo agouro; todavia, tenho notado que elles são mais numerosos e augmentam sua gritaria nas vesperas de grandes tempestades. Porém neste momento, é a surpresa que lhes causa-

muito pavor. E' um passaro preto e de pequeno tamanho; porém, como o pyrilampo, elle se torna de noite todo illuminado e então fica do tamanho d'um pavão; é magestoso e sublime vel-o tomando diversas mudanças. Sua cauda é um bello pennacho de fogo ardente; quando sacode as pennas e deixa calir algumas, são outras tantas faiscas inflammadas que larga na sua passagem. Tem um grito que assusta aos homens mais corajosos, quando o encontram nas mattas: é um brado extenso e prolongado desde o ré agudo, descendo nota por nota até o ré grave, onde faz uma cadencia de um rouquenho medonho. Mr. de Saint-Hilaire quando viajou pela provincia de S. Paulo, muito apreciou esta ave. Estou certa, que elle se não esqueceria de a mencionar em suas interessantes e scientificas memorias, que offereceo á Illustre Academia de Paris, resultado de sua affanosa viagem ao Brasil.

mos que os faz grasnar ; regularmente elles só se deixam ouvir de noite.

O coronel mais socegado entrou na gruta, onde sobre a relva natural que a cobria haviam servido um rico copo d'agua ; e os vinhos generosos da Adega do *Homem Grande*, o sabor delicado de doces de fructas do paiz, assim como a amenidade da tarde tão serena nesse dia, o suave cheiro de trepadeiras silvestres que embalsamavam a atmosphera dessa ilha encantadora, tudo isto fez desaparecer do espirito do militar a impressão desagradavel que recebera ao chegar. Quando voltaram á casa, era já alta noite. D. Narcisa recolheu-se aos seus aposentos muito triste e commovida ; tinha visto Leonardo quasi desfallecer quando presentio uma vez o coronel sentado perto della. Ao desembarque, o hospede offerecera-lhe o braço para saltar á praia ; ella havia recusado, porque o seu amigo de infancia corria para ella tão ligeiro como o veado de nossas mattas, e lhe offerecera a mão. Essa mão estava convulsa, e suas feições estavam decompostas. E, sobretudo, elle dirigia ao coronel olhares tão singulares que a donzella estremecia só de o pensar. — Por que será tudo isto ? pensava comsigo a joven : terá elle adivinhado o desgosto que me causa esse homem ? cheia de uma cruel incerteza, deitou-se logo, queixando-se de leve indisposição : a sua alma, porém, era a que mais soffria !

tinha com seus amigos, tão íntima era, que podia de um momento a outro fazer cessar o desgosto desses negros cuidados a que sómente uma ausencia prolongada daria causa. — Amanhã, repetia ella baten-do seu pésinho no chão, tudo saberei: para que pois consternar-me deste modo?.. — Mas o filho de Ephigenia não havia mais apparecido desde a sua volta, e a esta lembrança, que lhe pungia o coração, retornavam seus soffrimentos.

Ah! um sentimento novo acabava de despontar em sua alma, viçoso e forte, como se annunciava pelas profundas pulsações de seu coração!.. E a sensível moça não o comprehendia ainda! O somno havia fugido de seus olhos, o albôr da manhã começava a entreabrir suas nuvens côr de rosa, sem que ella tivesse podido cerrar as palpebras. Cançada de tão aturada afflicção, abrio, cheia de febre, uma janella e assentou-se apoiando a cabeça nas mãos, tendo firmado seus bracinhos no parapeito. Ali, e nesta posição, podiam suas vistas, ajudadas com a luz duvidosa do dia, que vinha rompendo, alcançar a bem longe, e poderia descobrir facilmente Leonardo ao entrar ou sahir de casa.

Entretanto a frescura matutina, o cheiro agradável de tantas flores que a cercavam, troxeram-lhe liní-tivo, distrahindo o seu espirito com o ar odorífero que lhe vinha dessa atmospherá embalsamada de tão suaves cheiros.

Pouco a pouco deixou de escutar; suas idéas foram-se desvanecendo do seu cerebro escandecido, sua memoria fracamente lhe retraçava os objectos, não fixando a vista já sobre cousa alguma, seus olhos fatigados se fecharam, e morphêo estendeu-lhe as azas beneficicas trazendo-lhe um sonho de felicidade e ventura!

Ah! que ella nunca devêra acordar desse somno tão tranquillol.. Era já alto dia quando a donzella despertou; os penosos pensamentos da vespera achavam-se apagados em seu espirito, e a sua primeira vontade, acordando, foi vêr seus amigos em cuja companhia ella gozava verdadeiros prazeres.

—Minha Ephigenia, disse ella á India, logo que a vio, vai chamar teu filho que lhe quero dar minhas ordens; passaremos hoje o dia nos bosques, respirando o aroma puro das silvas, e ouvindo o melhor cantico das avesinhas que este grosso tecto nos impede de ouvir; lá, o teu espirito se torna mais vivo, amas-me com mais ardor, diriges a teu filho caricias mais ternas! Oh! sim, lá tu és inspirada, és sublime.—Mas que! não me respondes?.. voltas a cabeça?.. choras?.. O que tens, minha boa amiga, minha terna companheira? dize-me, conta-me o motivo de tuas lagrimas?

—Leonardo ausentou-se, senhora. O *senhor-grande* o mandou á villa com uma grande carta ao nosso vigario.

—Meu Deos!.. exclamou a moça, contrariada. E desde quando partiu elle?..

—Poucos momentos depois da senhora se recolher. Aceite isto, que elle me pediu lhe entregasse dizendo:—Minha mãe, nunca me separei de nossa querida senhora; é esta a primeira vez, e também a primeira que vou a villa; não sei se alguma desgraça me acontecerá, por isso vos peço que lhe entregueis este signal de minha lembrança; se eu morrer, ella ao menos resará por minha alma.

A *filha dos brancos* pegou no presente de Leonardo;—era o seu livrinho de _resas firmado com o seu sangue que elle lhe deixava e que ella guardou no seio, promettendo nunca mais delte separar-se!

Passou um dia afflicta a pobre moça. Ephigenia mal podia consolal-a; a triste mãe era presa também de crueis cuidados. Pela volta da noite foi a donzella chamada á casa de seus irmãos. Ella tremia neste trajecto como treme a pomba debaixo das unhas do gavião. Foi admittida na grande sala, onde já tinha estado na vespera, e na qual se achavam reunidos os senhores de Villar, o coronel e o capellão da casa. Mandaram-a sentar em uma poltrona dourada, e ordenaram-lhe que assignasse em um grande papel amarellado. Depois disto, fizeram-a passar a outro quarto contiguo, e deram ordem ao padre para a confessar.

Tudo o que se passava em torno da moça era tão

novo para ella; seus irmãos tinham os rostos tão carregados, esse vasto salão mal allumiado onde ella, a unica de seu sexo se achava, inspirava-lhe tanto susto, que a donzella cheia de pavor obedeceu a tudo sem hesitar, sem indagar mesmo o motivo.

Depois de preenchidas estas funestas ceremonias, mandaram-a que voltasse á sua habitação com a mesma ignorancia com que tinha vindo. Ali chegando, entregou-se á tristeza e inquietação que todo o dia a affligira, e que agora se achavam augmentadas por mais aquella circumstancia. Cheia de medo não ousava pesquisar o que acabava de se passar, com temor de descobrir uma verdade que naquelle momento a mataria. Mas é porque a moça ignorava o que vamos referir ao benigno leitor.

Dom Martim de Villar muito desejava estreitar as relações que tinha com uma rica e nobre casa de Lisboa, cujo actual representante tinha sido seu companheiro de estudo. Casar sua irmã com o seu antigo condiscipulo era para elle o fim desejado de um de seus bellos planos: a sua ausencia tão dilatada da capital se oppunha á realisação de seus projectos: e não podendo, no Brasil, estabelecer em Portugal a donzella de Villar, como requeria a gerarchia de seu nascimento e o desejava a sua ambição, tinha tencionado fazel-a entrar em um convento, assegurando a sua sorte. Assim a rica herança que a joven perceberia, não seria jamais desencaminhada da fa-

milia. Porem, sem que ja tal cousa se suppozesse, o noivo desejado se apresentou n'um bello dia em sua casa, com as mesmas pretenções do seu antigo camarada: era elle o coronel Pedro Paulo, rico nobre, e de bom nome, que de tão longe vinha pedir a mão de D. Narcisa de Villar: esta alliança que vinha achar tão forte apoio na vontade de D. Martim, o fez dispor de sua irmã, como senhor, e não era preciso para *a conclusão desse negocio* o consentimento inutil, como pensava elle, d' uma menina que mal sabia o que fazia. De mais, sua irmã, criada no isolamento, havia adquirido o character docil e brando das pessoas só-acostumadas á obediencia.

III.

Depois do dia da apresentação, da qual o coronel ficou maravilhado, por ver reunida em D. Narcisa tantas graças, deu-se principio a todos os aprestes necessarios para effectuar-se o casamento com a maior actividade possivel.

Nessa mesma noite assignaram-se as escripturas ou contratos; e Leonardo foi com diversas commissões á villa, para o mesmo fim. D. Narcisa era a unica que tudo ignorava, vivendo tão apartada da casa e da sociedade de seus irmãos, não podendo por isso saber que o papel que assignara com tanta solemni-
dade era a escriptura de seu casamento. O destino

de sua vida inteira estava firmado nessas duas palavras que havia escripto!.. A noite ja ia avançada, e a joven senhora velava ainda no seu quarto; sentia-se opprimida de estranhos presentimentos; via-se só, sem apoio, tão longe de sua patria, e entregue a todo o despotismo de seus irmãos, aos quaes não devia nem sequer uma só caricia!

As lembranças de sua primeira infancia assomavam-lhe á mente retratando-lhe imagens queridas, que lhe revolviam n' alma um passado feliz.

Seu pai, sua idolatrada mãe, que ella tão joven havia perdido!.. Ah! se elles vivessem, outra seria a sua sorte!

E soffrendo toda a incerteza da sua triste situação, entregava-se D. Narcisa á protecção divina, unica esperanza do desgraçado, e desafogava sua dôr no pranto e na oração.

De repente, sentio a porta do seu quarto abrir-se, e a India, desvariada, entrando por ella, precipitadamente atirou-se á moça, dizendo:

— Senhora, senhora, corramos a socorrel-o, que morrel!..

— Quem morre, Ephigenia, explica-te!..

— Venha, senhora, venha que talvez cheguemos tarde!..

A donzella seguiu a India, que quasi a arrastava, pelo arrebatamento com que a puxava.

Descêram uma escada, andaram um longo corredor e, lá no fim delle, a moça avistou n'um quarto o espectáculo o mais pungente para a sua alma!

O filho de Ephigenia estava estendido em uma cama e banhado de sangue!.. A pallidez de seu rosto era mortal, e, entretanto, quando sentio passos e conheceu a pessoa que se approximava, fez um superior esforço e conseguio levantar-se até meio corpo, tomando então com transporte as mãos da moça, levou-as aos labios com profunda emoção e cahio desfallecido lançando copioso sangue.

— Meu Deos, o que é isto?! perguntou a joven senhora quando pôde fallar. Porém a India havia desaparecido, e ella não teve ninguem que lhe respondesse.

Ephigenia voltou d'alli a pouco, trazendo umaservas, de cujo succo deu uma beberagem a seu filho, pondo uma parte dellas sobre a ferida.

Pouco a pouco o doente foi tornando a si, e algumas horas depois um profundo somno o socegou das dôres agudas que soffria.

D. Narcisa, que velava solícita á cabeceira do infeliz, aproveitou esse repouso para ouvir de Ephigenia a historia desse acontecimento.

A mãe de Leonardo contou a sua senhora como seu filho voltara da villa ao primeiro *cantar do gallo*; que viera acompanhado de mais gente, e ella, se-

guindo o moço até a casa *grande*, o deixara nos aposentos do Sr. de Villar.

Pasado algum tempo, ouvira daquelle lado um tiro, correrá assustada, e encontrando o filho banhado em sangue, o trouxera nos braços até sua casa. Quando o joven tornou a si; mas, mostrou tão ardente desejo de ver sua senhora, recusando antes disso tomar qualquer remedio, que ella para o salvar correrá a buscar a donzella.

As palavras da Indigena se imprimiram no coração da moça com indeleveis traços. E muito tempo reflectio ella nas menores circumstancias dessa sincera exposição, cuja prova evidente era o seu amigo em um leito de dôr que ella guardava como o anjo de consolação.

Contemplando a pallidez mortal das nobres feições desse bello mancebo, que a riqueza enxotava com seus desdens sangrentos, seu rosto se cobria de pranto amargo, e seu ciração presentia que havia chegado ao termo da tranquillidade feliz de que havia gozado até então. Essa ordem de acontecimento tão sinistro que se passava nas trevas do mysterio não lhe parecia senão uma imagem de pavorosas ameaças, que vinham acintosas lhe dizer que uma nova época ia abrir-se para ella. Teria que combater, para defender o seu socego; mas como sahiria ella do combate, fraca e tímida moça, que só a vista de seus irmãos a entegelava de medo? como sahiria?

viva ou morta?.. Ah! Leonardo alli estava, ferido, e quasi a morrer, talvez por sua causa: e sem elle para que queria ella a vida?..

Revoltando-se contra a mão homicida que attentara contra os dias do joven, a Sra. de Villar exprobrava com pungente afflicção essa morte! Quem sabe a que actos de valor não a levaria o sentimento que ella dava ao seu amigo de infancia?

Muitos dias e noites se passaram em que a moça viveu entre a dôr e a esperança!

Mas a final reinou aquelle, que devia marcar uma nova era na vida da nobre donzella.

Graças ás hervas de Ephigenia, o enfermo ficou livre de perigo, declarado convalescente por seu desvelado medico. D. Narcisa recebeu esta noticia com inexprimivel felicidade; correu ao quarto do doente, que já tinha sido transportado para uma sala mais arejada, e pôde certificar-se da realidade.

Leonardo aproveitou o seu primeiro momento de vida para significar a sua senhora quanto lhe devia por sua bondade. A moça, que até então ignorava a causa desse desastre, exgio que lhe fosse contado com miudeza e disse:

— Leonardo, tenho soffrido muito, e á dôr de ver-te soffrer, juntavam-se as minhas conjecturas sobre o mysterio que envolveu o teu desastre: quero que me digas o que sabes a este respeito.

— Ah! senhora: e de que pôde interessar-lhe esse facto? respondeu o moço com doloroso suspiro.

— O que me pôde interessar? és tu que me fazes esta pergunta? Desconheço-te: por ventura serás para mim um estranho?

— Minha senhora, permita que lhe cale os pro-menores deste funesto acontecimento: fui eu o im-prudente: tive o castigo. Já tudo esqueci; porque, graças aos seus cuidados, estou salvo, e depressa serão minhas forças restabelecidas para lhe serem inteiramente dedicadas.

— Deixa-te de cumprimentos, Leonardo; isso não é o que eu desejo neste momento. Sabes que meus irmãos tramam alguma cousa contra meu repouso; e a incerteza me mata. Bem vêes que neste caso devo ligar a menor circumstancia ao grande effeito que tanto temo. E' pois para tranquilisar-me, amigo, que te peço documentos.

Houve um momento de silencio, e foi Leonardo quem o interrompeu, dizendo:

Está bem, minha senhora, visto que ordena, obedeco. Saiba pois que no dia em que a deixei, fui encarregado pelo Snr. D. Martim de ir a villa levar uma carta ao Snr. Vigario, e de outra a uma senhora, a qual segundo ouvi dizer achar-se-ha aqui, perto da semana proxima.

— E para que esse convite, quando meus irmãos não costumam a fazel-o a pessoa alguma?

Ah! senhora, bem depressa saberá a causa!.
disse o joven empallidecendo.

— Dize-me sem hesitação tudo o que sabes, e não venhas augmentar minha auxiedade.

— Senhora, elles querem casal-a; tenho certeza, que esses convidados são para acompanhál-a até o dia da cerimonia, respondeu Leonardo, affogando-se em pranto!

—Casar-me! E com quem, se não me consultaram?

—O seu noivo é o coronel Pedro Paulo.

—Ah! meu Deos! balbuciou a moça quasi desmaiando!..

Profundo silencio succedeu a estas breves palavras que retumbaram na alma da donzella com um som estridente.

Passado, porém, algum tempo, ella o rompeu.

— Leonardo: estás bem convencido do que me dizes?

Não é uma supposição o que lhe digo, senhora, é a pura verdade; poderia mesmo determinar-lhe a época em que pretendem realisar o seu hymenêo.

—Nesse caso, as minhas conjecturas vão tocar a verdade. Sempre pensei que te quizeram dar a morte, porque muito te dedicaste por mim: pois não é?

—Peço-lhe perdão, minha senhora; porém já lhe revelei tudo o que a podia interessar; o resto é

o segredo do meu coração; permita que li o não descubra.

—Será a primeira vez, Leonardo, que pões em duvida para comigo a tua lealdade, e isto no momento em que mais preciso de ti!.. Oh! não é generosidade do tua parte deixar-me assim soffrer os tormentos de uma incerteza que esmaga meu animo. Não sabes que uma palavra tua sobre esse occorrido seria a luz que me guiaria á verdade no caso de duvida em que me despenham? Mas, se é tua vontade guardar esse obstinado silencio, conserva o teu segredo; contarei com os meus proprios recursos, e tudo heide descobrir.

—Oh! não falle desse modo, senhora, senão quer ver minha ferida rasgar-se de novo, replicou-lhe o tenco pallido de emoção.

— Bem conheço que não é este momento o mais apropriado para dirigir-te minhas queixas; desculpa-me; soffro tanto!.. tenho o coração opprimido por cruéis presentimentos!.. a duvida e a incerteza espreitam-me por toda a parte, e com seus acintes mysteriosos e inexperados gastam a paciencia e me tornam surda ao sofrimento alheio.

— Minha senhora, suas palavras me matam; é preciso que muito soffra sua alma para se exprimir tão amargamente! Tudo sacrificarei para a ver soccorrida: ordene: o que quer de mim?

— Quero que falles.

— Meu Deus, dice Leonardo com voz tremula; ella o exige, e não posso recusar-lhe: perdoai o horror que sua alma delicada e sensível vai experimentar!.. Assentando-se com esforço sobre seu leito, e olhando com indizível ternura para sua amiga de infancia, o perturbado mancebo dice:

— Minha senhora, queira Deus, que a minha condescendencia não me traga o seu desprezo! Ha dores que, depois de rasgarem o coração, fazem que se amaldiçõe o delator que as plantou em nosso pensamento pela confissão de factos ignorados; essas dores são o horror que uma alma bem formada experimenta quando reconhece crimes que a mente nunca havia concebido contra a humanidade. Inda uma vez, minha senhora, escuse-me dessa confissão.

— Falla, eu t'ó ordeno. O que acabo de ouvir mais excita a minha curiosidade.

— E se o que eu lhe disser causar-lhe muito desgosto?

— Nada temas; tenho coragem.

— A minha narração será em tudo fiel ao que se passou; não poderei infelizmente omitir nada sem grave offensa da verdade; assim, não duvide de mim, eu lh'o peço.

— Bem sabes que meu coração é franco; não é por muito tempo que elle póde supportar a duvida.

— Faça-se a sua vontade.

— Já sabe da minha viagem a villa, e do motivo

della; pois bem, á minha volta entrei antes de poder comprimental-a, na *casa grande* para dar conta de minha commissão ao Snr. D. Martim.

Seus irmãos estavam todos reunidos no salão principal. Logo que o senhor D. Martim percebeu a minha presença, levantou-se do circulo onde fallava com calor á minha chegada, e tomando-me as cartas, que eu trazia, com ar alegre despedio-me immediatamente.

Retirei-me vagaroso; tinha empenho em saber o que continham aquellas cartas, porque um presentimento intimo me dizia, que se tratava da senhora.

A minha pouca pressa em sahír do salão foi notada por seus irmãos, que rispídos me ordenarari segunda vez que me retirasse. Em vez, porem, de sahír, não hesitei nos meios de apropriar-me do segredo. Fiz-me espião.

Perdoe, minha senhora; era o unico meio que eu tinha de saber o que a poderia ameaçar. Eu temia; tinha presentimentos!

— Bom amigo, em lugar de censurar-te, eu agradeço a tua dedicação!

— Com effeito, ouvi a leitura da carta e tudo o mais que sabe. Pensando na cruel tyrannia que exerciam no seu destino, quasi que me sorprehendeu o que acabava de ouvir, porque era a realidade, e entretanto que eu antes só presumia dos factos, e tinha ainda esperanza de enganar-me. Senti o san-

gue entrar todo no meu coração, e, confesso-lhe, meu corpo tremeu, minhas pernas fraquearam! Depois, entreguei-me a uma verdadeira desesperação na lucta travada com a impossibilidade de salva-la. Creio que o dellyrio de minha dôr denunciou minha imprudencia aos ouvidos de seus irmãos, porque vi o Snr. D. Luiz correr para mim, e julgo que me perguntou o que ali fazia. Não sei o que lhe respondi.

— Deos! exclamou a moça!.. e foi elle quem...

— Disparou uma pistola a queima roupa no meu peito, sem dar-me tempo de defender-me!

— Ah! é muito, tornou D. Narcisa, pallida como a morte. Meu bom Leonardo, peço-te o perdão para meus irmãos!

— Oh! minha senhora, nada tem que arguil-os; socegue: o que é a vida de um ente da minha condição na estima de um grande senhor? tornou o moço com azedume.

— E' possível, meu Deus! tanta maldade, dice a joven possuida de horror!

Sinto-me pezaroso, minha senhora, por ter-lhe causado tamanha afflicção. Todavia, vem atenual-a o pensamento de que lhe fui util e que, se ainda é empo, póde tomar suas medidas, pois a querem casar brevemente.

— Ah! disse comsigo a donzella: agora está explicado tudo quanto me obrigaram a fazer! E uma nuvem de tristeza cobriu o seu angelico semblante.

— Sim, senhora, continuou o joven com animação; a senhora vai casar-se; irá d'aqui para bem longe, para o reino (3). Lá no meio das grandezas de sua patria, esquecerá facilmente o obscuro filho da *Administrada*; esquecerá o seu amigo de infancia, por que elle não é rico como esse homem a quem a querem unir, porque elle não tem um titulo para offerecer-lhe, como esse outro! E não obstante, elle daria a sua vida por sua felicidade. Mas elle morrerá ignorado!.. esquecido! E que tem o semi-selvagem com a senhora de Villar? acrescentou o joven amargamente.

— Leonardo, atallhou a donzella, não sois generoso; fallando assim, despedaçoes minh'alma.

— Ah! e não vê, senhora, o que soffro? Vós outros, *grandes*, não sabeis o que é compaixão, não. O orgulho, a soberba vos abafa no coração esse doce sentimento que faz a nossa felicidade. Veja: sómente porque não obedeci cegamente a ordem de retirar-me da casa do seu irmão, quiz elle castigar minha audacia, como a chamou, com a morte!

E, todavia, minhas acções até hoje tem provado a minha dedicação por sua familia. Além disto, acabava eu de cumprir a missão de que me havia encarregado, com a maior dedicação e presteza, sem repouso nem alimento, haviam vinte e quatro horas!

(3) Assim era designado Portugal no tempo em que o Brasil era colonia.

A minha obstinação podia ser esquecida por outras acções anteriores que fallam mais alto de minha fidelidade e respeito; mas elles nem nisso repararam. Quanto a minha senhora, unir-se-ha sem constrangimento talvez a um homem que não conhece, que sem duvida aborreça, sómente porque elle se lhe apresenta com um grande nome e riquezas; e não dará siquer uma lembrança aos pobres amigos que tanto a amaram, e que morrerão com sua ausencia. E diz que é sensível á desgraça alheia!.. accrescentou o joven com azedume!

—Escuta, Leonardo, disse a joven senhora, depois d'alguma pausa; fazes mal em nie suppores, no teu resentimento com o mesmo character de meus irmãos. Não os conheço, delles fui separada muito menina, respeito-os e estimo-os, porque minha mãe assim m'o ordenou, morrendo; porém não sei se são honestos ou libertinos, se são bons ou máos; sei só de mim, que te vou fallar:

Nasci em Lisboa, e até a idade em que me viste pela primeira vez, tinha eu gozado sómente as caricias d'uma terna mãe. Era ella tão boa, que chorava a desgraça alheia com dores proprias: e eu aprendi com ella a não desprezar a classe indigente, onde, dizia-me ella, hia muitas vezes abrigar-se mais facilmente a virtude. Tinha doze annos quando a perdi! E logo depois embarquei para o Brasil, onde meu irmão mais velho tinha grandes possessões, e onde

era governador d'uma Colonia. Aqui chegando, estranha no paiz, fui por meus parentes tratada com a mais fria indifferença. Fui um ramo do mesmo tronco que junto delles cresceu ignorado; não obstante, dous corações se abriram para me collierem.

—Foste tu e tua mãe! ambos me consolastes no meu exilio; tu foste o companheiro inseparavel de meus brincos de infancia; e tua mãe cuidou de mim com uma ternura superior á sua condição.

—Pois bem, Leonardo, a filha do nobre Snr. de Villar, a irmã do poderoso D. Martim, desprezaria todas as riquezas do mundo, todo o fausto e grandeza de pomposos titulos, se em troco lhe fosse permitido gozar ignorada da unica sociedade que convêm ao seu coração. E, se lhe fosse tambem permitido a escolha de um esposo, ella diria preferindo-te a todos os homens:—eis aqui aquelle que eu escolho para companheiro da minha vida!

E a moça estendia a mão, ao dizer estas palavras, a seu terno amigo com notavel mistura de graça e de amor!

—Meu Deus! exclamou com força o mancebo levantando-se anhelante, e caindo aos pés da donzella déste-me um coração muito pequeno para conter tamanha felicidade!.. Narcisa, tu me amas?.. Não foste insensivel ao amor profundo que meu coração alimentou em segredo por ti? Não desdenhaste desconhecer a adoração que te dava o

pobre filho d'uma *Administrada?*! Quizeste descer d'altura em que a Providencia te fez nascer para te nivelares á minha obscuridade?!

— Sim, eu te amo, Leonardo!

— Oh! agora posso tudo dizer-te, fallava o moço ébrio de alegria! posso confessar-te que vivo de ti como a hera vive da séve de que se alimenta; sem ti o mundo para mim é um deserto; tu é que enches o meu coração; é que vens animar a aridez de meus pensamentos, que povôas o espaço que eu achava vazio diante de mim; tua imagem segue-me a toda parte; teu nome repetido em segredo inunda a minha alma de ineffavel prazer; és tu o pharol luminoso que guia meus passos na vida; eu te amo como o desgraçado ama a sua crença!..

— Leonardo! E como te não amaria eu conhecendo o thesouro que encerra esse nobre coração?

— E eu que te amava sem esperanza, e sómente enlevado na felicidade de estar junto de ti, repetia o filho de Ephygenia, olhando com indizivel amor para a donzella. Eu, que te chamava sem cessar nos bosques, na solidão, para fazer a minha alma estremecer de prazer, ouvindo o teu nome repetido pelo écho da montanha, posso agora chamar-te minha! posso confessar-te todo o fogo que me abrasa! Oh! minha querida, deixa que a teus pés eu te agradeça toda a minha ventura!.. Deixa que o meu primeiro beijo de amor seja guardado em teu coração!..

E cingindo a moça em seus braços, seus lábios se reuniram em um longo e estremeccido beijo! A donzella, com este contacto estremeceu; uma nova sensação lhe abalou a alma; seu coração palpitou com mais violencia, e, como a pomba ferida pela flecha do caçador, deixou cahir a cabeça languida sobre o hombro do seu amado!

—Narcisa! disse o moço com voz commovida, nossos destinos estão ligados, porque o Deos que me ensinaste a amar, nos unio pelos laços do coração: teus irmãos perderam sobre nós o seu poder; jámais, jámais nos poderão separar.

Viveremos sempre juntos; quando a ambição nos queira desunir, iremos procurar um paiz hospitaleiro que nos acolha em seu seio. Sou joven, tenho forças, e o meu amor vencerá os obstaculos que se entremetterem na nossa ventura.

A' força de trabalho farei prover a todas as tuas necessidades. Não soffrerás a menor privação, porque não quererei, não terás saudades das riquezas que deixares.

—Oh! não temas, eu muito agradeço as tuas ternas sollicitudes. Serei tambem muito venturosa fazendo a tua felicidade. Mas entrarei de algum modo em teus projectos, serei tua complice. Limitarei as minhas necessidades ás tuas possibilidades, e dar-te-hei uma prova de que as riquezas não me prendem tanto como pensas.

Ah! é summamente agradável o tratarmos de nosso futuro; porém apenas me lembro de meus irmãos, o sangue gela-se-me!..

— Não te lembres delles: não estás comigo?

— Sim, mas é por tua propria segurança que eu tremo. Devemos tratar seriamente dos meios de evitar esse casamento tyrannico a que me querem forçar: quaes são os teus recursos para impedil-o?

— Meu Deos! já me não lembrava de teu casamento! Sim, é verdade; eu te disse que sabia que elle se faria brevemente; pois não? todavia, é celebre! o que ha poucos momentos eu cria, e nessa certeza tragava sorvos mortaes, me abatendo até a desgraça, agora lembro-me como uma idéa remota que se apaga facilmente em meu espirito! tuas palavras magicas me reanimaram, fizeram-me outro homem. Deixa-me portanto sómente fallar da minha felicidade, embriagar-me com a minha ventura!..

— Querido Leonardo! consagremos entretanto alguns momentos a consolidar o edificio da nossa futura felicidade. Para mim será bem agradável ser dirigida pelos teus conselhos.

— Descança; a conducta de teus irmãos guiará a minha; o essencial é mostrar ignorancia de suas intenções, e deixar correr o tempo.

— O mais essencial tambem, meu amigo, é não deixares nada a perceber de teus novos sentimentos para comigo: não poderias escapar á colera de minha

familia, se elles viessem a descobrir teus sentimentos a meu respeito. Quando me entrego á idéa deliciosa de que nos uniremos um dia, esqueço que estou a mercê da feroz vontade de meu irmão, e que jámais elle consentiria em nosso casamento.

— Nós nos amamos, minha bella Narcisa, tornou o mancebo tomando com ternura as mãos da moça, e o nosso amor nos fará triumphar da força... Tenho fé, quero que a compartilhes.

— Tens razão. Todavia não sei que tristeza me abate, quando penso na desgraça que está suspensa sobre nossas cabeças; meu socêgo voltará quando este casamento estiver inteiramente desfeito.

— Meu plano é este: farei por desviar o meu consentimento sem deixar perceber que nenhum alheio sentimento se entremette na minha recusa; a tua segurança me dará coragem, e occultar-me-hei quanto possa do coronel. Entretanto, meu amigo, tenho-te feito muito fallar; achas-te quasi restabelecido, porém estás ainda fraco; tua mãe não approvaria o nosso longo colloquio; temo que prolongando minha visita tenha de deixar um doente; por isso me despeço: — adeos.

— Oh! não falles assim; não me fujas: pois não vês que é de ti, de tuas palavras, de tua vista que me vem a vida?! como podes pensar que tua presença me faça mal, se é a ella que eu devo as minhas forças?..

— Bom, Leonardo, socega, ahí vem tua mãe; eu te prometto não estar muito tempo longe de ti; por agora deixa-me sahir: adeos...

E a moça sahio do quarto do doente, levando no coração uma alegria desconhecida. Sua alma estava cheia, e ella tinha necessidade de estar só, para livremente se entregar ao enlevo de ser amada.

Oh! quanto lhe foi grata essa solidão, dando ouvidos ao arruido que fazia o seu amor em seu coração!.. A sua alma se entregava sem constrangimento a essas deliciosas sensações, que inundavam-a de prazeres celestes.

Tudo se retraçava em seu espirito, tomando um novo encanto. As palavras de fogo, que sahiram da boca desse joven de tão notavel belleza, abalavam-lhe ainda agora o coração, como se as estivesse ouvindo! As suas recordações guardavam fielmente o menor de seus gestos, as negligentes posições de seu corpo encantantador, para com profusão encherem-lhe a mente. Ella era feliz, muito feliz, e tudo quanto a cercava participava nesse momento de toda a sua felicidade.

Que alvoroço tinha no coração!.. toda a natureza se havia revestido de novo brilho; o sol parecia mais brilhante, o dia mais claro e alegre como um dia de festa, e a moça começou a reparar com mais interesse na belleza dos sitios, que até alli tinha prezado sem admirar-os.

Oh emoções de nosso primeiro dia de amor! Tudo neste mundo pôde ser riscado da lembrança, mas vós guardadas ficades no coração da mulher sensível com traços indeleveis! Amor, nobre e sublime sentimento! para que não de os vícios grosseiros da sociedade manchar-te com halito asqueroso, e supplantar o teu poder?! tu só, conservando-te puro, elevas o coração que te abriga ao maior ponto de sublimidade!..

IV

Um dia se passou na *casa grande*, que se pôde contar feliz; foi aquelle em que D. Narcisa de Villar e o filho da Indigena descobriram seu mutuo e apaixonado amor. Elles não puderam estar muito tempo separados. Pela volta da tarde veio Ephigenia chamar sua ama a pedido do filho. A joven senhora entrou risonha na sala onde estava o doente, cujas melhoras iam em augmento. Tinha mesmo havido uma feliz transformação em toda a pessoa do enfermo; seu toilette elegante, seu rosto tingindo de ligeira côr de rosa, amoldurava-se nos bastos anneis de seus bellos cabellos lustrosos e flexiveis. Elle levantou-se apenas avistou a donzella á porta da sala, e esta estremeceu á sua vista, como se avistasse um rei. Sentio-se

acanhada pela primeira vez na companhia de seu irmão de infancia; a lingua ficou-lhe presa ao paladar; impedida de fallar, mal podia conter as vistas de Leonardo. E, entretanto, sua alma se emmergia nas delicias de o ouvir, de o sentir perto de si, com tantos dotes; gloriava-se de sua escolha! O tempo que passaram juntos foi rapido, e Deos concedeu a esses dous amantes muitos dias e semanas tão felizes. Entregue a sua vida habitual, isto é, ao inteiro esquecimento de seus irmãos, a *filha dos brancos* havia já esquecido os seus terrores.

As idéas sombrias de desgraças correram espavoridas de seu espirito com a ruidosa alegria da venturosa moça.

Unida pelos sentimentos do coração ao homem da sua escolha, D. Narcisa entregou-se com abandono á sua felicidade, e descuidou-se dos obstaculos que se oppunham á sua união com Leonardo. Achava tão impossivel poder ser delle separada, que zombava, com desdem, do seu proprio pensamento, quando lhe vinha esse vago temor á memoria!

A inexperiencia, a sua sinseridade, e mais que tudo a felicidade que gozava, lhe haviam impedido reparar que na *casa grande* se faziam reparos e preparativos que annunciavam uma grande festa; e esses aprestos tão sumptuosos, que ostentavam toda a vaidade dos senhores de Villar, não podiam deno-

tar senão algum acto muito solenne na familia; e esse acto não podia tambem ser outro senão o do casamento de D. Nascisa.

Com effeito, o senhor de Villar não havia perdido um só momento desde que concluire o negocio do casamento de sua irmã: nada havia esquecido que pudesse tornar deslumbrante e magestosa a solemnidade desse dia tão natavel.

Em quanto a moça se entregava ás loucas esperanças de seu amor malfadado, Dom Martim dispunha de sua sorte com despotica segurança, e a mais leve sombra de resistencia da parte de sua irmã não tinha jamais vindo interpôr-se a seus projectos. Ainda alguns dias faltavam para a cerimonia, porém o cavalleiro quiz a irmã perto do noivo e para isto mandou-a buscar á sua morada. Mas, com grande espanto, a donzella não apparecia, não obstante ser chamada muitas vezes. Ephygenia, que tantos desgostos havia tragado, no curto espaço de um mez, via com susto esse chamado, com umo annuncio de desgraça, e a cuja obediencia queria subtrair a joven senhora. Havia por isso recebido os mensageiros do senhor de Villar, e com imprudente fidelidade os havia despedido sob estranhos pretextos, sem nada participar a donzella. Dom. Martim impacientou-se quando vio pela terceira vez chegar o portador de seu mandado com uma resposta frivola da parte de sua irmã. Não sabendo o que pensar de semelhante

falta, sahio não sem alguma preocupação em busca de D. Narcisa.

Nove horas acabavam de soar; a noite estava escura e humida; a donzella estava ao pé de Leonardo, e fazia-lhe uma leitura de romance dos tempos da cavallaria. O moço a escutava com elevo e transportando a sua imaginação até essa época remota, figurava-se um outro heroe fazendo pela dama dos seus amores tão grandes façanhas, que espantavam o mundo! D'ahi seguia-se uma discussão interessante e calorosa, em que a moça oppunha-se sempre aos nobres impulsos de valentia do joven, não querendo para prova de amor expol-o a tantos perigos.

Quando chegou a hora de separarem-se, foi com muito custo que cederam a essa necessidade. Recoilhendo-se aos seus aposentos, D. Narcisa pensava no toilette que devia trazer no dia seguinte, que mais agradasse a seu amigo, e guardava com cuidado as flores que o moço colhera com tanto amor para ella, no passeio que nesse dia tinham dado ambos. De repente, fortes pancadas que se fizeram ouvir na porta d'entrada, distrahiram a moça de seu feliz sismar. Sorprehendida, correu palpitante ao corredor fronteiro a chamar Epyhgenia. Quando abriu a porta do quarto, que communicava com o mesmo, encontrou a India que trazia as feições alteradas e alumiava a um homem que pisava forte. A' primeira vista não pôde a moça distinguir as fei-

ções desse desconhecido, cujas ruidosas pisadas lhe faziam bater o coração de susto, porque além de vir embuçado em um amplo capote de pano alvadio, trazia encoberto parte do rosto sob um chapeo de-sabado.

— Muito cedo se deita a senhora D. Narcisa, disse o *homem grande*, sentando-se na primeira poltrona que encontrou!

— Meu irmão! murmurou consigo a moça, tremendo, aqui a estas horas!

— Na solidão em que vive. disse Ephygenia respondendo ao dito de D. Martim.

— Não fallo contigo, mulher, atalhou o senhor de Villar e com arrogancia; retira-te que desejo ficar só com a senhora. A pobre creatura ficou perturbada pelo poder dessa voz imperiosa que lhe calava n'alma, olhando para a donzella, que estava pallida e tremula como uma silva batida pelo vento do sul. A essa vista a filha dos bosques recuperou toda a sua energia, e tornou resoluta ao grande fi-dalgo:

— Minha nobre ama, senhor, não está habituada á sua visita; ella nunca se separa de mim. Olhe, treme de medo e vai ficar doente! Perdão, meu senhor; mas não sahirei de junto della.

Rustica, sahe, disse o senhor de Villar erguendo-se com furor e levando os punhos ás faces da India.

— Meu irmão, bradou a filha dos *brancos* levantando-se quando vio a attitude belicosa do *homem grande*, peço-lhe que desculpe Ephygenia. Ella tem por mim tanto zelo, que muitas vezes o leva a um extremo de imprudencia; é o seu modo de affeição; não tem idéa mesmo do respeito devido á sua pessoa; sua alma é generosa e boa; se pensasse que nisso commettia uma falta, ella não a praticaria.

— O que me admira, senhora, é a sua paciencia ! Deve ser mais austera para com os seus escravos.

— Ah ! senhor, bem vê que eu não conto esta pobre mulher no numero das outras familias ; ella teve tantos cuidados na minha infancia, e trata-me com tão dedicada affeição, que não a posso confundir com os mais.

— Todavia, sua bondade não a deve impedir que lhe faça conhecer a sua condição. Ella toma taes ares de direito sobre a sua pessoas... isto é indisculpavel !..

— E' pura dedicação ; creia-me.

— Não acredito em dedicação de escravos. O que suppõe dedicação, senhora, é pura malicia. Algum fim tem esta mulher, que a obriga a representar este papel.

— D. Narcisa sentio-se ferida no coração, ouvindo assim tratar a essa generosa creatura que tantas provas de affeição e dedicação lhe havia dado. Uma dôr profunda a embargou de fallar e teve asco desse

homem cynico, que tão levemente profanava tudo quanto era puro.

Houve um momento de silencio, durante o qual o fidalgo observava todo o aposento, e parecia admirar a ordem e mesmo o gosto do arranjo dos objectos. Poder-se-hia dizer que sua irmã morava em uma habitação sumptuosa n'aquelle deserto. A pobre India para não expôr com sua presença sua senhora ainda mais á colera do *homem grande*, havia-se retirado; porém vigiava a donzella, como a leão vigia o filhinho. D. Martim, depois de observar tudo com attenção, chegando mesmo a parar defronte de alguns moveis, etocal-os, perguntou á irmã com tom mais tranquillo :

— E' tambem a vossa India, senhora, que vos serve aqui?

— Sómente ella, meu irmão, aqui entra. O seu zelo por mim não permite que outra pessoa tenha parte no meu serviço.

— Bem; é uma escrava prestimosa. Deveis ter tido bastante trabalho em ensinal-a, porque estou certo que não foi na sua tribu que ella aprendeu a bem servir-vos.

— Desejo, senhor, que faça justiça a *Ephygenia*, tornou a moça indignada pelo tom que dava seu irmão á sua ironia cruel; ella é intelligente, e sua bondade, sua dedicação mais de uma vez se tem mostrado a provar-me a sua grandeza d'alma. Muito

desejaria eu, que a estimasseis, como ella o merece; supplicar-vos-hia mesmo, meu irmão, que a conhecesseis melhor, porque não lhe poderieis negar o vosso apreço; se eu vivo, devo-o a seus cuidados.

—E lhe devemos, tanto mais, quanto sois cheia de merecimento, respondeu D. Martim com galanteio. Farei o que desejais; deixal-a-hei com nosco; ella tem um filho, fal-o-hei um empregado de meu serviço particular: ficareis satisfeita, bella irmã?

A joven senhora sentio como uma dentada de serpente, que lhe abria uma chaga eterna no coração ao ouvir estas palavras. Não deu uma só resposta a tão revoltante gracejo, e ficou como antes muda e quieta em sua poltrona. Ah! os seus amigos só della eram conhecidos! . .

O senhor de Villar fingiu não reparar no silencio de sua irmã e pensou que era tempo de dizer ao que vinha.

—Senhora, começou elle: não deseja sahir deste deserto onde a sua belleza se esconde como uma flôr ignorada? não deseja voltar á nossa patria, vêr Lisbôa, viver emfim em outra sociedade digna de a possuir?

A moça tornou a si com estas palavras, que foram como um raio cahido a seus pés! Ellas lhe deram a conhecer o motivo da visita de seu irmão; e a nova roda de martyrios em que cahia, de repente deu-lhe coragem para responder.

— Acostumei-me de tal modo a estes sitios, senhor, que não tenho saudades de nossa patria. E para que havia eu voltar para lá? Nossa mãe e nosso pai já lá não os encontraria, e os unicos parentes que me restam estão perto de mim. Que iria eu, pois, buscar a Lisbôa? Ali seria mais um deserto para mim, do que este paiz.

O *homem grande* tinha um genio irascivel; acostumado a ser sempre obedecido, não tolerava a mais pequena recusa, e tanto mais isso o irritava, quanto mais inferior era a posição de quem o contrariava. E, pois, se sua irmã tivesse aceitado a sua proposta complacente, não teria visto as faiscas ardentes de seus olhos que se tornaram ferozes como o clarão que lança a labareda que começa a atear-se.

Passou-se um momento e depois tornou o fidalgo, dissimulando sua colera, e sem rodeios:

— Pois, minha bella senhora, dou-lhe parte que muito breve tem de deixar estes sitios, e terá de ver Lisboa, que já lhe não merece uma lembrança!

— Pois meu irmão deixa este lugar? perguntou a moça tremendo de incerteza, entre a duvida e realidade.

— Eu não, senhora; porém a senhora, sim, o deixará.

— Faça-lhe tanto peso, senhor, que me quer atirar para longe de si? Lembre-se do pedido que lhe fez nossa mãe á sua ultima hora!

— Para cumprir o pedido de nossa mãe, minha boa irmã, é que a enviarei a Lisboa, e tão bem acompanhada, que nossa mãe no céu me hade bem-dizer por isso. Vou casar-a com o coronel Pedro Paulo; estou certo (acrescentou com malícia), que também a senhora approvará esta minha resolução.

A donzella ficou pallida como a morte. Ao principiar o dialogo, ella tinha previsto o fim de seu cruel irmão; porém agora, que ouvia pela primeira vez essas medonhas palavras da boca do scéptico fidalgo, ella sentia o que sente o condemnado ao ouyir ler a sentença muito tempo esperada.

Quinze dias antes, esse casamento era uma desgraça; agora era uma cruel surpresa, mais que uma desgraça; era a morte que ella via aproximar-se para arrebatá-a á felicidade. Mas á vista do perigo, quiz lutar, e repellir com força os golpes que lhe atirava a desapiedada mão de um parente desnaturado. Levantou-se com magestade, e pela primeira vez encarou seu irmão de face:

— Não, dice ella, como fallando comsigo, não me heide casar com esse homem, porque não o posso enganar. Estas palavras sorprendieram a D. Martin, que não menos admirado estava da transformação que vira na joven D. Narcisa, apresentando um contraste tão repentino. E também, fixando-a, lhe tornou:

— E em que o enganaria, senhora?

— Porque impossível seria dizer-lhe que o amo.

— Ora, accrescentou o fidalgo encolhendo os hombros: trata-se por ventura de amor em um casamento?

— Senhor, não tracte desse modo o destino da mulher; não queira roubar o unico bem que esse ente sensivel póde achar no sacrificio da liberdade de sua vida inteira.

— Na verdade, minha irmã, que me sorprehende achal-a tão espiituosa! tornou D. Martim com ar sardonico, mas intimamente encolerisado.

— Ah! exclamou a moça exaltando-se: não me consultaram; sou eu a unica que tudo ignoro de um facto que sabel-o-ha talvez até o mais obscuro dos criados que me servem, porque dispozeram de mim como de um fardo, que se mercadeja! Se querem agora a minha presença, é para que o comprador veja melhor a qualidade do estofo que ajustou pelo preço que se chama *dote!* Ah! e querem, depois de toda esta profanação do mais sagrado de todos os actos da vida da mulher, que hajam casamentos felizes? Irrisão!

D. Martim mordeu os labios até ferir sangue, ouvindo fallar assim a donzella.

Por um momento uma idéa de desconfiança atravessou seu espirito, mas foi como o relampago: e de mais: a quem havia sua irmã inclinar-se naquelle lugar em que elle não conhecia um homem seu

igual? E depois: não bastava o recato em que D. Narcisa vivia, para a preservar de inclinações?

Pouco a pouco a sua indignação se moderou com estas reflexões e pensou que tudo isto não passava de queixas de uma criança, de caprichos de moça, e tratou de responder como convinha a elle e a joven.

— Senhora, a noite se adianta, não tenho tempo para ser mais minucioso. Peço-lhe que se apronte, que foi para leval-a comigo que aqui vim.

— Se muito deseja que eu o acompanhe, obedecer-lhe-hei, senhor. Irei pois, receberei o coronel Pedro quantas vezes elle se apresentar, mas nunca como sua noiva, porque nunca serei sua mulher.

— Contento-me que o receba, senhora; é quanto exijo.

Ora, façam lá bem ás moças, dice elle entre si, enfurecendo-se de novo! Estou aqui como que a roga a uma criança que aceite a fortuna que se lhe apresenta, em vez de mandal-a com superioridade! E tudo, porque é minha irmã! Vá mais este sacrificio e será o ultimo. Mulheres, mulheres! E' bem pesada carga para um homem! Esta pequena, para sustentar os seus caprichos, julgo que aceitaria o Convento; e, accrescentou alto, a vêr o effeito que produziam suas palavras:

— Minha irmã, com as idéas que acaba de mani-

festar, estou certo que tomaria de preferencia a vida da clausura ao brilhante casamento que lhe offereço?

A misera moça teve um momento de esperançosa alegria. O convento se lhe mostrava nesse instante de desespero como a sua unica taboa de salvação. Ella se admirava mesmo como lhe não tinha occorrido tal idéa. Sim, iria no convento guardar seu destino longe de Leonardo, é verdade; mas só viver para elle, esperar que sua sorte mudasse; e ver-se-hia livre do coronel e de quantos outros pretendentes apparecessem. E por isso, tornou quasi agraddida a D. Martim:

— Sim, meu irmão: fechai-me em um convento; sim, quero lá viver, e livrai-me deste casamento.

— E eu, repetio o fidalgo enfadado: quero antes vel-a com o véo de noiva, do que com a corôa de freira. E dizendo isto, travou de repente do braço da joven, obrigando-a a acompanhal-o.

A desgraçada moça sentio que sua sorte hia decidir-se; experimentou as angustias da morte, vendo que tinha de acompanhar a seu irmão, sem ao menos trocar uma palavra com Leonardo, que não estava totalmente restabelecido. E parecia-lhe que um passo que dêsse além de sua morada era uma eternidade, que se abria ante ella e seu amigo! Nesse momento supremo lançou-se ao pés do homem *grande* e com voz entrecortada de soluços:

— Meu irmão, disse, em nome de nossa mãe,

supplico que me poupe uma desgraça, porque sinto que não poderei obedecer-lhe.

D. Martin nada respondeu ; porém pelo ar ironico que mostrava em seu sorriso, bem se podia conhecer que a dôr da irmã não lhe abalava a alma. Sempre guardando silencio, mas com maneiras cortezãs, levantou a joven e a convidou com agrado a pôr um chale aos hombros, e deste modo foi arrastando a moça, que, com o coração partido de dôr, obedecia-o maquinalmente, passando da sala aos corredores e destes á rua.

Ephygenia ali estava, guardando a porta de sua ama, como um cão fiel guarda a casa de seu dono ! Querendo tudo encobrir ao filho, que se achava ainda em convalescença, esperava impaciente a sahida de D. Martin.

Vendo que D. Narcisa o acompanhava, correu para ella com os braços abertos e por alguns momentos embargou-lhe os passos.

— Deixe-me acompanhá-la, senhor, dice ella ajoelhando-se aos pés do fidalgo, tenho-lhe amor de mãe. Perdoar-me-ha o senhor, pois que é sua irmã ; porém ella não pôde estar um só dia sem mim !

— Ainda esta mulher ? dice o *homem grande*: retira-te d'aqui, demonio, ou te esmago como a uma vil serpente. Deo-se jamais uma semelhante ousadia ?..

Socega, Ephygenia, disse D. Narcisa, lavada em pranto, á India. Nossa separação não será longa ;

meu irmão reconhecerá quanto vales, e te fará chamar para junto de mim. Cuida em meus passaros, em minhas flores e em tudo quanto ahí deixo que eu prezava... E, desprendendo-se com ternura dos braços da Indigena, acompanhou seu irmão.

A mãe de Leonardo a seguiu também por muito tempo com os olhos. Depois, quando a escuridão a encobriu de todo á sua vista, disse com dôr vehemente e voz concentrada:

— Meu filho, meu filho, como te consolarei!

Ah, barbaro! nem mesmo a tua irmã poupaste! Será mais uma victima que pedirá vingança no céu!..

V.

Era dia de todos os Santos, 1.º de Novembro de 1669. O padre vigario tinha dito missa na Capella da *casa grande*. Toda a gente estava reunida na povoação dos administrados. Em todo aquelle dia tinham-se visto sómente canôas cheias da *gentes grandes* que vinham da villa e eram recebidas com salvas e foguetes pelos senhores da *Ponta-grossa*. Musicos com suas violas e rabecas tocavam lindas symphonias; a alegria era geral, até mesmo nesses desgraçados que viviam na escravidão governados por D. Martim. A elles se tinha mandado dar vacca, vinho e pão. A' noite, fogueiras altas como pyramides ardiam em frente da morada do *homem gran-*

de e elevavam ás nuvens suas chammass crepitantes, ennegrecendo o céo com seu fumo espesso e avermelhado. Multiplices luminarias guarneciam as numerosas janellas da casa, e elevavam o seu reverbero até ao meio da bahia! Toda a rua estava clara como o dia, e a roda das fogueiras se grupava a gente pobre para vêr a festa, porque esta classe não tinha ingresso nos salões. Comtudo, lá a um canto, ao pé da pedreira, que até hoje existe, se achava um quarteirão de casas que se destacavam do corpo principal, e que estavam em completa obscuridade: parecia que ellas se arredevam timidas e cuidadosas, como para não tomar parte nas gallas do dia, que tão soberbamente expunha á vista a sua elegante vizinha. Lá, só uma luz-zinha se deixava perceber por uma das janellas. Era a casa onde tinha habitado D. Narcisa de Villar, que sua fiel amiga não tinha podido desamparar! . . N'aquella noite em que todos folgavam e em que ninguem tinha pensamento senão para o prazer, Ephygenia sómente se lembrava de uma infeliz e nobre creatura que ella no seu coração confundia com seu filho. Abrio o seu oratorio, accendeu duas velas de cera virgem e, ajoelhando-se para orar, pedia fervorosamente a S. José e á Virgem Maria, que arredassem todo o mal d'aquelle Anjo innocente, que ella amava com toda a sua alma.

Em quanto o rico senhor de Villar illuminava a

sua esplendida morada, para dar a mais brilhante apparencia a uma festa mundana; a pobre e humilde mulher tambem illuminava um altar da melhor maneira que podia, para tornar mais solemne o sincero culto que ella hia render á Divindade, e seus pensamentos eram rogos ao céo, em auxilio de uma desgraçada menina.

Oh riqueza! quão raras vezes conheces o amor da humanidade!

Os musicos tocavam um *minuete afandangado*, e o baile principiou na *casa grande*. Viu-se então apparecer no meio da multidão, que enchia a sala, uma moça alta e delgada, primorosamente vestida, que prendeu a attenção dessa numerosa companhia. Seu penteado puchado ao alto da cabeça descobria naturalmente uma nobre frente, que lindos olhos pretos animavam a pallidez; todavia, pelas olheiras asuladas que elles traziam, pela magreza de seu rosto, e pela vermelhidão de suas palpebras, bem se conhecia que ella muito havia sofrido. Não obstante, era sua belleza tão radiosa, que ninguem a podia vêr sem admiração. No meio de todo o tumulto, ella se achava pensativa; e as pedrarias e enfeites de subido valor, que trazia, não lhe mereciam nenhuma complacencia; parecia completamente ignorar o effeito que produzia sua belleza, ou ser-lhe indifferente a admiração que excitava. Algumas vezes mesmo olhava para as gallas que a cobriam com uma espe-

cie de aborrecimento. Tinha a face voltada para o peito, como o lyrio, emblema da dôr! de vez em quando levantava os olhos e percorria com a vista a multidão; depois, não encontrando talvez a quem desejava vêr, voltava-os de novo para o chão e uma sublime expressão de dôr se desenhava em seu bello semblante! Ah! quão tocante era a sua tristeza! Quem se não compadeceria da *pobrezinha!* Era D. Narcisa de Villar, que apparecia em sua noite de bôdas como a victima para o sacrificio, diante dessa multidão de insensatos que folgavam com suas penas, que achavam prazer no que era a sua desgraça! Tinham despoticamente seus irmãos ordenado que ella devia casar com o coronel Pedro Paulo, morgado de uma casa mui rica de Lisboa, cavalheiro distincto pelo seu nascimento, e para que isso se effectuasse não consultaram sua vontade. Desde o dia fatal em que a separaram de seus ternos amigos, a tinham guardado como uma prisioneira, e ella ignorava desde então a sorte de Ephygenia e de seu filho. Naquella noite esperava com impaciencia vêl-os entre a multidão, e se alguma cousa a tinha animado a *vestir-se*, como seus tyrannos lhe haviam ordenado, era a esperança de os vêr, nessa noite que ella julgava ser a ultima de sua vida!.. Tanto é verdade que a esperança é o ultimo dos sentimentos que desampara o nosso coração! O baile estava animado, acabava-se de dançar um minuete, e os pares se

aprontavam para o *cotilhão*, quando um dos laços de finas pedras, que prendia o penteado da noiva se desatou, e uma trança de finos cabellos escapou-se ligeira desse andaime povoado de borboletas, moscas de ouro e diamantes, que faziam naquille tempo o penteado das senhoras e a donzella teve um motivo justo para deixar a sala e correr ao seu quarto, afim de retoucar-se. Quando ali viu-se de novo sosinha, porque a febre da dança tinha distrahido seus guardas, sentio de novo todo o peso de sua desgraça e um diluvio de lagrimas inundou seu angelico semblante. Parecia que o coração, um momento distrahido com a lembrança de vêr os entes que ella no mundo só amava, havia recobrado mais força para sentir ainda mais vivamente a ferida que o sangrava. Com a mão sobre o peito, sentindo o desespero na alma, suas bellas feições se contrahiram horrivelmete com a força da dôr, e seus labios proferiram um nome por unica resa, por unica invocação! De repente, um vento frio lavou todo o quarto, e a luz das bugias de cera amarella, que ardiam sobre os tremós, estremeceu e quasi que se ia apagando, porque uma janella dessa camara se tinha aberto, e uma cabeça, braços, e emfim o corpo de um homem, veloz, como o veado, tinha saltado para dentro do quarto; a *coitadinha* estorcendo-se na sua agonia, não tinha dado fé de cousa alguma, nem tinha sentido junto de si um mancebo que mudamente a

contemplava com a alma repassada de consternação, em frente de tanta dôr ! Esse homem, depois de alguns momentos de muda contemplação, passou a mão sobre a cabeça da donzella, que estremeceu como o flexível arbusto ao receber as gottas frescas do orvalho da manhã, e virando-se rapidamente para o lado de onde sentia o contacto magnetico, que lhe dava vida, um grito de alegria indizível, que se não pôde descrever, sahio de suas entranhas, e ambos exclamaram ao mesmo tempo: Leonardo!.. Narcisa!.. e cahiram nos braços um do outro!..

Oh delicias do verdadeiro amor!.. Oh afortunado momento! só te podem comprehender os entes que apaixonadamente se amam!

Ah! disse a joven, depois de alguns momentos, agora é a minha vez de agradecer-te; sim, eu te agradeço o bem que me fazes! Oh! meu Deos! eu vos agradeço tambem o terdes ouvido as minhas orações! E prostrando-se ante o seu genuflexorio, pediu ao seu amigo que a acompanhasse na sua oração.

—Narcisa, tu és minha esposa, disse o moço levantando-se, e não poderás unir-te a outro sem commetteres um crime: nem eu posso consentir que faltes a tu fé sem offender a Deos e a minha consciencia, por isso venho buscar-te para livrar-te de seres perjura.

—E para onde me queres levar, meu amigo?..

—Fujamos d'aqui, minha querida, deixemos algum espaço entre os nossos tyrannos e nós : o céo nos guiará a um asylo seguro.

—Leonardo, sinto-me fraca para combater tuas idéas, por isso te peço que não insistas nellas; tem compaixão de mim: deixa-me morrer pura, para que ao menos na outra vida não sejamos separados!

—E' justamente para que nos não separem nessa vida, que eu te quero arrancar ao crime; tudo está prompto para a nossa sahida; elles dançam e não podem perseguir-nos.

—Meu bom amigo, meu irmão: para onde me queres levar?.. Ah! quem somos nós para combatermos a perseguição de meus terriveis irmãos?!.. Queres que eu te veja errante no meio dos bosques, temendo a cada hora que caias em poder de teus algozes e talvez succumbires a seus golpes, se porventura chegassem a encontrar-te? Poupa-me essa dôr; concede-me que morra ao menos com a doce consolação de que te deixo no mundo livre do odio de meus parentes.

—Mulher cruel, tornou o moço delirante e desconhecendo toda a dedicação que havia nas palavras da joven; bem mostras que és irmã d'esses soberbos senhores, que julgam valer mais do que os

outros homens, porque o orgulho os cega: não vês, ingrata, que d'aqui a algumas horas serás mulher de outro homem, que passarás aos seus braços e que eu hei de morrer de desespero?..

— Nada temas, meu Leonardo, disse a moça com indizível ternura e pegando nas mãos de seu joven amante, porque esta noite, antes que o sacrificio se consumme, eu estarei morta; irei sem mancha depositar minha corôa de martyrio no seio de Deos; mãos impuras não profanarão meu corpo. Lá no céu te vou esperar, lá onde não haverão obstaculos, nem ambições que me pleitêem a ti: e agora morrerei com mais animo, porque já te vi.

— Anjo adorado, não, tu não terás coragem de me repelir, repetio Leonardo cedendo ao seu amor; vem, minha bella Narcisa, vem comigo, que sou teu esposo. Deos não consentirá em uma dupla morte; não, não: eu que te amo com tanta vehemencia, deixar-te-hia commetter esse novo crime?.. Não, não tenhas escrupulo, não temas tanto teus irmãos, que minhas precauções estão tomadas; iremos esconder-nos n'um canto da terra, lá receberemos a benção d'um padre que nos unirá, e viveremos para nós sómente. Terás minha mãi para acompanhar-te quando eu fôr buscar a caça ao bosque ou o pescado ao rio; o resto do tempo que nos ficar d'esses deveres estaremos sempre juntos; eu lerei a tua leitura, pensarei pelas tuas idéas, porque tu és

a alma do meu corpo. Dize, minha Narcisa, esta vida assim não te agrada?..

— Ah! meu Leonardo, como vens abalar minha alma tão profundamente apaixonada? respondeu a moça em soluços. Mas é tarde, e é para assegurar a tua vida, que eu devo morrer!.. De repente, dez horas soaram na pendula de prata que estava a um lado da camara: a donzella olhou espavorida em volta do quarto:

— Sim, acodio o filho de Ephygenia respondendo ao pensamento da joven amada; d'aqui a duas horas, vir-te-hão buscar, serás então mulher de outro: e uma vez em poder alheio, vigiar-te-hão, porque o homem, que te vio, te amou; e o amor é muito perspicaz para não adivinhar tudo o que se passa em teu coração e não procurar obstar os teus intentos!.. Se tomares veneno, serás immediatamente soccorrida; se intentares ferir-te, desviar-te-hão do golpe; tu viverás um dia, sem o queres, com esse homem que detestas, e que te guardará tão perto, como o avaro guarda o seu thesouro!.. viverás mais dous dias, cinco, um mez, um anno e mais ainda, até que a tua dôr se abrande, e tua alma receba a resignação que não tardará em vir em teu auxilio, habituando-te á tua desgraça... Não tardarás a ter filhos; sim, serás mãe dos filhos desse homem, que hoje aborreces; mas que has de ser obrigada a amar, porque será o pai delles!.. Ouves, mulher cruel? gritou o

filho da Indigena com desespero, sacodindo com força os braços da moça: serás obrigada a amar o pai de teus filhos! . .

—Leonardo, és desapiadado; tuas palavras me varam o coração!

O filho de Ephygenia proseguio sempre na mesma exaltação.

—E esse homem, esse homem obscuro que tanto te amou, viverá no desespero! E tu lhe não concederás senão uma remóta lembrança em tua alma occupada por outras affeições! Cevando a sua dôr com os objectos que mais a sangrarem, não tendo animo de acabar a vida, porque viverás, e elle arrastrará seus dias no esquecimento e na miseria vagando pela tua porta, apredejado por teus filhos, que por divertimento chamal-o-hão louco! o louco!

—Basta, atalhou a joven senhora; é muito o que soffro! Meu Deos, tende piedade de nós! . .

Depois de uma curta oração, tōmou um capote, pôl-o sobre os hombros e, corajosa como uma mulher que ama deveres: —partamos, meu amigo, disse ousada; leva-me para onde quizeres . . .

—Narcisa! respondeu o mancebo com vehemente ternura: cédes ao meus rogos? ah! toda a minha vida amando-te, não te poderei pagar evidentemente esta prova de amor! E pegando no seu delicado corpo, saltou pela mesma janella, por onde entrara, correu sem parar para o porto onde os esperava uma

canôa : pousar a moça dentro della, saltar ligeiro á prôa, e fazel-a sahir da terra, foi obra de d'um instante ! Estamos livres, disse Leonardo, pegando no remo.

— Debaixo da protecção de Deos, respondeu a senhora de Villar, olhando para o céo.

Tinha o filho de Ephygenia pensado frustrar toda a vigilancia de seus inimigos, mas é porque não reparou n'um vulto que, embuçado em um capote, o seguira sem comtudo o poder alcançar.

VI.

O Coronel Pedro Paulo, desde o dia de sua apresentação em casa dos Villares, havia ficado summamente agradado da joven irmã de seus antigos camaradas. Esse casamento, que primeiramente só o havia attrahido pelo interesse do *negocio*, occupava agora toda a sua alma, não como uma boa fortuna, porém como sua unica felicidade. Uma nuvem sómente vinba toldar o claro horisonte de sua ventura: era a esquivança da noiva que nunca lhe dera o menor signal de defferencia. Mas como o cavalheiro de Villar lhe havia assegurado que isso passaria com o tempo, tinha-se resignado a esperar. Todavia, o que a principio lhe pareceu ser motivado por esse acanhamento com que os Villares pintaram o caracter de sua irmã, fazia-o agora claramente notar que uma

causa occulta a tornava insensível aos transportes de seu apaixonado amor, e essa causa só podia ser um sentimento do coração. Logo que teve esta desconfiança, pareceu que todos os dias vinha uma nova circumstancia augmentar suas suspeitas, e o proprio dia das bôdas foi o que lhe fez reconhecer toda a verdade. Esse dia de alegria para todos os habitantes da Ponta-Grossa foi uma sentença de desgraça para os tristes noivos.

A pallidez extrema, com que se cobrio o semblante da virgem, déra bem a conhecer ao Coronel a dôr que encerrava essa alma, que forcejava por se mostrar serena. E tanto silencio na dôr, tanta reserva no soffrer, não podia ser sacrificado senão ao amor: a donzella de Villar amar a outro?! Ah! este pensamento brotado como uma verdade infernal no cerebro do fidalgo o fez tocar o auge do desespero. O ciume, o fatal ciume, que flagella o coração que ama, foi um abutre que se agarrou feroz á alma desse pobre homem que amava sem confiança. Vingar-se daquelle que dispunha do amor de sua noiva, possuir essa mulher tão bella, que lhe estava destinada desde o berço, obrigar-a a amal-o tambem: eis os tenebrosos projectos que fez, em quanto recebia os parabens dos numerosos convidados, e cujos negros detalhes, minuciosamente repetidos em seu pensamento, lhe davam uma especie de allivio, se me posso assim exprimir, e mergulhavam sua

alma nas tenebrosas trevas em que estava envolvida. Conhecer o homem que ousava amar a mulher que hia ser sua esposa, era todo o seu anheló: os meios de poder descobri-lo, a propria Sra. de Villarlli'os daria.

Entre tanta gente convidada, pensou elle, que ha de vir a festa, hei de ver aquella que desejo; não é possível que ella deixe hoje de dar o ultimo adeos ao seu amante. E, pois, seguiu a moça como a sua sombra. Foram vãs as suas preoccupações; nada via que confirmasse suas suspeitas.

Um pouco mais tranquillo no fim da tarde das grandes emoções, que tinham atacado sua alma, começava a reflectir que se havia enganado; e o que ainda lia pouco lhe havia servido de provas para condemnar a donzella, agora lhe parecia outros tantos testemunhos de sua innocencia. Pouco a pouco o socego o foi restabelecendo, de sorte que acabou por conhecer a temeridade de seus juizos, que naquella reunião não havia outro homem que o competisse, e que a tristeza da moça podia bem ser motivada por um insignificante capricho: e quem sabe mesmo se não acabou por considerar-se amado? . . . É tão facil enganar-se neste ponto o coração que ama! . . . Quando a noiva sahio da sala, pela occurrencia acontecida em seu penteado, nada vio nesse acto senão o que era natural. Com-

tudo, reparando que sua ausencia se dilatava, quiz saber pessoalmente a causa.

Não foi possível encontrar no interior da casa quem lhe dêsse noticias da Sra. de Villar; todos estavam muito occupados em gozar da festa para que se pudessem interessar por aquella que a motivava. Foi á rua, procurou avistar a parte da casa em que habitava a Sra. de Villar, cujas janellas davam para o mar, e donde podia avistar todos os movimentos de quem estava dentro. Não foi sem trabalho que pôde romper a multidão compacta que se apinhava em roda da casa, como um bando de aves de arribação attrahidas pelo brilho da ceára, até que chegou debaixo das janellas do quarto da joven senhora. No momento, porém, em que levantava os olhos para ver o que dentro d'elle se passava, ficou mudo de surpresa. Um homem, com a rapidez da gazella, saltou, e correu tão veloz, que parecia que seus pés apenas tocavam o chão; levava alguma cousa em seus braços, que tinha a fórma de uma mulher.

Mas tudo isto se passou tão rapido, que elle mal pôde conhecer. Todavia, o silencio em que vio ficar o quarto da moça, o fez sobresaltar, e correr tambem na mesma direcção do fugitivo, com a idéa de punir um attentado, se ainda fosse tempo. O caminho, que seguio, o levou a alguma distancia da casa á praia. Quando avistou o mar, seu coração se com-

primio de mortal tristeza. Um sulco profundo e largo estava impresso na arêa humedecida, o qual indicava recente passagem de um escaler ou canôa. O mar, que beijava a praia brandamente, ainda se achava cheio desses aljofares phantasticos, que de noite mostram tão maravilhosamente a ardentia, quando as aguas são tocadas por qualquer corpo, e denunciava ter dalli sahido ha poucos momentos uma embarcação. O mar estava tranquillo, a brisa da manhã começava a soprar seus bafejos salutaes, trazendo emanações dos jasmins silvestres. O grillo e o moscardo zuniam no bosque que bordava a margem, e os pyrilampos com seus fogos fatuos illuminavam como pequenas lanternas ambulantes o interior do matto.

A escura sombra das montanhas, escondendo em seus mysterios tantas bellezas, que só o pensamento perscrutador do sabio as pôde adivinhar, fazia naquelle momento uma sublime decoração áquelle bello panorama. A hora adiantada da noite, o socego em que jazia toda a natureza, as sombras phantasticas das collinas, das roças, das culturas e das cabanas, o ruido dos ribeirinhos que, mansos e murmurando como um canto descuidoso de felicidade, se deslisavam do cimo das montanhas, tudo contribuia para embellecer aquelle sitio magestoso e sublime. O militar sem nada perceber applicou a vista e o ouvido para todos os lados. Tudo estava

deserto, tudo era silencioso!.. Mas o que é que um amante cioso não descobre?.. Lá no meio do mar reconheceu um ponto negro que se movia, apartando-se cada vez mais da costa e com direcção a leste. Mais com os olhos d'alma, do que com os do corpo, pareceu reconhecer uma canôa, e dentro della duas pessoas; e seu coração se despedaçou de dôr, quando a brisa vencendo o espaço lhe trouxe aos ouvidos sons em que elle reconheceu a voz de sua noiva!

Seu primeiro movimento foi deitar-se a nado, e ir atacar o raptor ousado, que comettia um crime com tanta audacia; para logo, porém, conhecendo o triste resultado desta acção, aproveitar o tempo era o mais prudente. Virou-se, pois, para o lado onde via a canôa e fez-lhe um gesto supremo com a mão, como para dizer-lhe: — tu me verás. E correu a buscar soccorro, bem convencido de que um rapto tinha tido lugar ante seus olhos, e que ainda que se desesperasse, não o teria elle só podido impedir-o; porém, estava tão convencido da innocencia da Sra. de Villar, que nem um momento a suspeitou capaz de complicitade. Entretanto o embarço que o tolhera quando atravessou a multidão, agora mais compacta, existia ainda, e por mais vontade que tivesse de chegar depressa á casa, forçoso foi tomar outro caminho que o alongava mais, porém que tornára-se mais breve no momento.

Era sobre a Pedreira a antiga morada da joven senhora. Dalli se podia ver sem embaraço a casa grande, que estava galharda e soberba com suas ondas de luzes, cujos fulgores internos vinham misturar-se com os que a rodeavam de fora. A festa tinha chegado ao seu auge! Vozes, risos e salvas de alegria se ouviam de mistura, e o prazer tinha tomado todos os espiritos. Vendo tão alegre bullha, o Coronel tornou a si um momento das grandes emoções por que havia passado, e subita esperança lhe reanimou o coração. Talvez se tivesse elle enganado! Quem o assegurava de que D. Narcisa não estaria já no seu quarto quando esse homem d'elle saltou?.. E quem sabe se já o seu lindo semblante não aformoseava nesse momento o salão, e dava aos circumstantes toda essa alegria, cujos sons vinham até elle? Era incontestavel que semelhante alegria não se daria, se tal desgraça houvera acontecido. Ah! não havia duvida, elle se havia enganado. A apparição sinistra que tinha visto não passava de uma circumstancia bem simples, a que sua imaginação, ainda ha pouco tranquilla, tinha emprestado decorações tão medonhas.

Para um dia de bôdas não falta o que aproveitar aos ladrões, que não vivem de alegrias.

Alguem tinha entrado no quarto da noiva, e dalli certamente levado uma pacotilha, e eis porque corria tão yeloz e fugia em uma canôa. Ah! que de

bõa vontade elle o deixaria com o seu roubõ, se D. Narcisa estivesse no salão ! Alliviando o peso que opprimia seu coração com a reflexão, chegou á casa uma hora depois do acontecimento, e já hesitava no partido que devia tomar em tal conjunctura. Ao appproximar-se, porém, do cavalheiro, seu coração palpitou de prazer, pois lia-se em seu semblante a ventura que o dominava, e cuja alegria parecia dizer-lhe bem alto, que elle se havia enganado. Quando temos leves queixas de que accusar a sorte, vem uma desgraça real ensinar-nos que não somos tão infelizes, e então nos agarramos ao que dantes desprezavamos, com tanto maior ardor, quanto indifferente nos foi. Assim o Coronel, que ao começar daquella festa não lhe havia prestado a menor attenção, agora se achava com inteira disposição de tomar parte em seus prazeres.

E foi com a maior alegria que entrou no salão. Ah ! o salão estava vasio ! . . D. Narcisa de Villar alli não se achava ! . .

— Onde está a senhora ? perguntou elle, pallido como um defunto, ao criado que nesse momento servia.

— Não sei, Sr. Coronel ; ainda ha pouco alli era vista, respondeu este, designando o lugar vasio em que vira a moça.

— Não sabe, meu amigo, onde se acha a senhora sua irmã ? disse elle ao cavalheiro indo-o procurar.

— Provavelmente no salão onde estava ha pouco.
A esta resposta, dada com a segurança de quem não duvida, mas que não dava certeza de que se havia notado o desaparecimento da joven Sra. de Villar, todas as suspeitas do pobre noivo tornaram em tropel ao seu espirito. Quasi que não duvidava, e sentia a perda de um tempo precioso e já longamente desperdiçado. Foi por isso que disse de novo a D. Martim:

— Peço-lhe, não sem motivo, que procure sua irmã em seu quarto . .

— Falla-me de un modo o Coronel . . Está indisposto?

Porque a physionomia do militar estava inteiramente transtornada.

— Procure-a, meu amigo, e não perca tempo; dir-lhe-hei depois as razões que me fazem assim proceder.

O tom de insistencia, com que foram ditas estas palavras, decidiram o cavalheiro a ir ao quarto de sua irmã, sem mais explicações.

Movido por certa curiosidade, ou antes sorprezo das palavras ambigvas do militar, foi procurar a donzella no salão; não a encontrando alli, procurou-a no seu quarto e em toda a parte onde ella podia estar; tudo estava deserto! Era certo que a noiva não se achava naquella casa. Foram á sua morada sem perda de tempo, e tudo foi pesquisado. Ins-

truidos então pelo Coronel de tudo quanto elle tinha presenciado, um raio do inferno incendiou a colera dos tres irmãos. Para logo pensaram na traição a mais infame, culpando sua irmã na complicitade. A colera lhes borbulhou no coração, como as torrentes inflammadas fervem nas entranhas da terra. Eram surdos á boa opinião que sempre formou o Coronel da innocencia de D. Narcisa, e ficaram certos de que a moça tinha seguido um amante. Cheios de odio, jurando morte a aquella que ousára arrostar assim a sua vontade despotica, dispozeram-se a procural-a no mar, ainda que já houvessem tres horas de intervallo.

Quanto á vingança, que projectavam ao raptor, era ella hedionda, horrivel; a nossa penna se recusa a pintal-a; deixamos ao leitor a liberdade de prevel-a!

A fatal noticia do desaparecimento da noiva veio como um raio cahir sobre a numerosa companhia que se dispersou, de modo que d'alli a alguns instantes, poucos eram os que se achavam no salão.

Os Snrs. de Villar querendo embarcar, mandaram chamar Leonardo para os acompanhar; este não apparecendo, pouco cuidado lhes deu, fazendo-o substituir no governo do escaler por outro.

Ephygenia, do seu escondrijo, pôde ouvir o

alarido que esta nova causou ; ella, a quem a bulha da festa não tinha podido attrahir á *casa grande*, corria agora para lá, chamada pela afflicção de seus amos, e douda de dôr andava como a leôa a quem lhe reubam os filhos. Pediu, rogou para acompanhar seus senhores a procurar sua ama ; foi repellido com dureza, e teve que os vêr partir, ficando na praia, onde corria de um lado para outro, como louca, dando gritos da mais dolorosa afflicção!

VII.

A noite estava clara e serena ; a luz scintillante das estrellas que brilhavam no firmamente azulado reflectiam-se no mar tranquillo e placido, que nenhuma aragem vinha encrespar, assemelhando-se a um vasto espelho, onde esses astros luminosos se reproduziam brilhantes. A cordilheira de montanhas maritimas desenhava seus traços negros no fundo das aguas, e decorava este bello quadro com um toque sublime, cheio de magestade. O socego reinava profundo, e no meio d'esse tão vasto silencio, o unico arruido que se ouvia era o do remo veloz do esforçado remador, que cortava as aguas como as azas de um peixe.

Leonardo encostou a cabeça de sua amiga nos seus joelhos, e os bellos olhos da donzella, que brilhavam como estrellas, o animavam ao trabalho e

lhes serviam de bussola, bem como aos Reis Magos a estrella mensageira do céo os guiava. Havia já algum tempo que navegavam assim ; a moça recostada sempre sobre o peito de seu amado, contemplava-o em silencio e extasiada.

Tanta audacia nos perigos, tanta coragem á borda do precipicio, revelavam á joven senhora a grandeza d'alma, que ella admirava nesse moço tão joven como ella.

O susto que havia acommettido seu coração pelos perigos que corria seu irmão de infancia, iam-se dissipando com a valentia que o via desenvolver. Porém de repente observou uma nuvemzinha que ao sul obscurecia a abobada celeste, como um ponto negro em crystalino lago. Como ella tinha posto sua segurança na serenidade da noite e tomado por bom agouro a belleza do céo; eis porque essa pequena nuvem a vinha amedrontar, e tímida, como a corsa perseguida pelos caçadores, a *filha dos brancos* notou isto a Leonardo.

O filho de Ephygenia socegou a moça com suas palavras meigas, e nenhum peso deu a essa apparição. Navegou ainda por algum tempo. Entretanto o escaler dos perseguidores, puchado a seis remos, apesar de ter tres horas de atrazo, corria com rapidez após de sua prêsa, a qual distinguiu depois de algum tempo, sem comtudo poder alcançal-a. A nuvemzinha que primeiro toldára o céo como um pon-

to, foi pouco a pouco se augmentando, de sorte que o cobriu de todo. Raras estrellas appareciam já, e alguns relampagos abriram as nuvens mais densas, como sulcos de fogo que rompiam as trevas. Depois, a fresca brisa cessou, succedendo-lhe uma calma abafada, e os fuzis, que se haviam amiudado e reproduzido por todo o horisonte, foram subitissimos como um clarão repentino, que entre-abria sem cessar a escuridão medonha que invadia todo o firmamento. O mar rolava grossas ondas, mas sem agitar-se; ao longe o ronco surdo e prolongado do trovão, repercutido pelos écos das montanhas da costa, era um aviso pavoroso que annunciava ao filho da india, que o furacão se approximava. Um pouco abalado por todo esse terrivel cortejo e pela extrema inquietação que dominava a donzella, dobrou o navegante de energia; e as remadas que dava faziam avançar a canôa de tal modo que cortava as ondas com espantosa rapidez. Esforçava-se ardentemente em salvar a joven senhora na costa do continente, antes que cahisse a tempestade, porque alli estaria a coberto da perseguição de seus inimigos, que seriam embaraçados em perseguil-o em outra povoação. Então procuraria um sitio afastado, longe da população, ignorado de todos; elle iria construir o edificio de sua felicidade, casando com a joven senhora de Villar. Ah! a mocidade é imprudente em seus desejos e nas suas esperanças! e mais imprudente

ainda algumas vezes nos meios de realisal-as! . . Remava o mancebo, remava sempre, e a costa parecia cada vez mais afastar-se de seu rumo! Chegar lá, era cousa impossivel, e que a suprema vontade desse bravo moço não podia em tão poucas horas vencer! . .

A tempestade cada vez ia mais avisinhandose com terriveis ameaças; agudos sons do trovão se ouviram como um gemido medonho no infinito, como um pavoroso aceno do furacão prestes a desabar.

A donzella estremeceu e chegou-se para mais perto do seu amigo, o qual ainda com mais força remou. De repente um relompago abriu as nuvens mesmo sobre suas cabeças, e um raio veio cahir não longe da canôa; foi o signal para a tempestade cahir com furor. Ah! que medonho temporal foi o dessa noite! Os *antigos* lembravam-se delle ainda estremecendo! O mar encapellado como serras espumosas levava a canôa dos fugitivos até ás nuvens, tornando a fazel-a descer ao abysmo para se despenhar sobre elles com estridente arruido, e cahindo outra vez nas profundidades desses antros, d'onde elle se havia elevado, ia além fazer renascer sua eterna lide! Com o clarão do raio que cahiu, perceberam um vulto no mar que parecia outra canôa, que vinha na mesma direcção. Duas horas antes essa apparecção, que criam não ter relação alguma com elles, lhes causaria muito abalo, mas

agora não podiam entregar-se a outro cuidado senão nos meios de salvarem-se do imminente perigo que os cercava, e por isso esqueceram inteiramente essa estranha aparição.

Os trovões lutavam nos ares, o estampido horrível que faziam era reproduzido pavorosamente nas entranhas do mar; os relampagos se succediam com rapidez e illuminavam esta scena de horror com uma luz esverdiada. A moça aterrada olhava em silencio para tudo isto, julgava que a natureza ia entrar nas trevas d'onde Deos a tinha tirado; que o mundo cessaria de ser, e ella se resignava á sua sorte, achando doce morrer com o único homem a quem tinha só amado. Contudo, o filho de Ephygenia não perdia o seu tempo; atou a donzella contra o banco da canôa com uma facha, para que as ondas não a lançassem ao mar, e mais desembaraçado, continuou a trabalhar com vigor. Quando a canôa descia, apressava-se em remar para escapar ás vagas amontoadas como grossas muralhas, que desabariam impetuosas sobre a fragil embarcação e a fariam submergir sem esta prudente precaução, esgotando a agua que nella entrava com evidente porfia. Manobrava o seu navio com o sangue frio do verdadeiro marinheiro, e não se esquecia de animar com suas palavras meigas a joven senhora que elle via soffrer. Quando a luz dos relampagos vinha-lhe mostrar todo o horror de sua situação, a moça sentia dobrar

sta amargura, descobrindo grossas bagas de suor no rosto d'esse mancebo esforçado que queria lutar em coragem com os elementos ; mas elle não podia vencer a colera do céo ; começava já a sentir-se cansado, seus braços esmoreciam e implorava a Deos com o coração que viesse em seu auxilio ! Os ventos zuniam horrivelmente, a chuva cahia como cataratas que se despenham dos ares, e a grande quantidade d'agua que entrou dentro da canôa, ameaçou de submergil-a. Leonardo mostrou uma coragem sobre-humana, porque sem perda de tempo procurou alijal-a dessa carga importada do reino da morte. Então 'a donzella desprendendo-se do lugar em que estava detida, ajudou o mancebo, apesar de seus rogos para impedil-a, com suas mãos delicadas a esgotar a embarcação.

A trovocda abrandava, em quanto o vento e a chuva cahiam impetuosos ; os relompagos já eram raros, porém a noite tornou-se tão medonhamente escura, que ninguem poderia vêr o objecto que tivesse ao pé de si. Em quanto os dous jovens entregavam-se ao trabalho do esgoto da canôa, andou ella ao acaso, leveda pelas ondas desde que cahira o temporal. Leonardo, tinha-lhe sido impossivel seguir seu rumo ; não sabia portanto onde se achava, e tão pouco o podia reconhecer com a escuridão da noite ; e isto tanto mais o contrariava, quanto a esperança não tinha ainda desamparado um unico momento o

seu coração. De repente, com a luz do relampago avistou terra á prôa e as ondas filizmente para lá o impelliram. Chamou a si toda a sua coragem, e remou com o maior vigor para aquella direcção ; a corrente das aguas o ajudou de sorte, que d'alli a algumas horas encontrava-se com um rochedo agudo e inaccessivel, mas que fazendo abrigo á tempestade, o mar alli estava tranquillo, facilitando assim um ancoradouro. Aproveitando esse inesperado conforto, pôde Leonardo costear o penedo e encontrou bem depressa um porto de desembarque. Ah ! grande foi a sua alegria quando pôz sua amada em terra ! Ajoelharam-se ambos e deram graças á Deos com o maior reconhecimento. Leonardo, ferindo fogo ao seu *isqueiro*, accendeu um pau resinoso, que alli encontrou, e foi demandar um asylo a essa praia deserta, batida pelo mar impetuoso. Pararam repentinamente em frente á entrada de uma gruta, e ambos deram um grito de espanto e de surpresa, reconhecendo o lugar !.. Estavam na *Ilhado do Mel*, no mesmo sitio em que D. Martim de Villar fizera servir a merenda ao Coronel Pedro Paulo ! Ah ! a coruja não tinha dado o seu grito de mau agouro em vão !. A tempestade os havia feito retroceder ! Deos se servira desse meio para chamar a si esses dous jovens, tão perseguidos sempre pelo orgulho e pela soberba, que desprezam e desconhecem os verdadeiros sentimentos do coração humano !

VIII.

Não havia que hesitar ; depois do primeiro abalo o filho de Ephygenia tinha já reassumido todo o seu sangue frio e tomado um partido.

— Entra, minha Narcisa, disse elle á moça convidando-a a entrar na gruta ; aqui estaremos ao abrigo da tormenta que tanto te assustou.

— Não, Leonardo, não entrarei ahi ; tenho medo, accrescentou ella baixinho ao ouvido do moço.

— Oh ! o que tens ? não estou eu contigo ?

— Não sei ; porém sinto que estava melhor lá nesses abysmos do mar, onde sómente nós existiamos !

— Vem, vem, minha querida ; eu te quero abrigar da chuva que ainda cahe. E passando a braço pela flexivel cintura da donzella, a obrigou mansamente a entrar.

A caverna era espaçosa, um musgo sempre verde tapeçava o pavimento, que era coberto de seixinhos, e algumas pedras, dispostas aqui e acolá, davam commodo assento ; todavia, para o interior o pavimento ia-se estreitando cada vez mais, de sorte que formava o feitiço de um leque.

O tecto era um grosso rochedo que parecia tão estavel e seguro, que não se abalaria mesmo com as aguas do diluvio. Quando o mar enchia demasiado, lavava todo o interior, e o limo que alli deixava

alimentava esse musgo sempre verde, que tapisan-
do esse bello pavimento, encantava como um fel-
pudo tapete a vista do observador. Os passaros
aquaticos escolliam essa caverna para abrigar sua
tenra prole; era alli que iam fabricar seus ninhos.
O filho de Ephygenia fez sentar a joven senhora
sobre uma pedra, tirou-lhe o capote molhado e de
uma malia de couro de anta tirou outra capa enchu-
ta, com a qual embrullhou-a; accendendo depois
mais alguns paus resinosos, os fineou no chão. A
luz, que espalharam essas lanternas naturaes, foi
bastante para alumiar toda a gruta. Depois, tomando
lugar aos pés da moça, pegou-lhe nas mãos e as
levou aos labios com ternura.

— Então, minha amada Narcisa, tens ainda me-
do? disse elle. Preferes esse mar irado e suas medo-
nhas covas a este asylo encantador que o céo nos
deparou?

— Não sei que terrivel pesadelo me accomette;
sinto terror das sombras, falta-me aqui o ar.

— Pois eu acho-me infinitamente bem, accres-
centou o moço, cobrindo de beijos a linda mão que
se abandonava ás suas caricias.

— Nada deves temer, minha querida medro-
zinha, teus irmãos ignoram a nossa fuga; quando
derem por nossa falta será amanhã, porque se acham
entretidos com o baile, e além disso não ha de ser
aqui que nos hão de vir procurar; ora, em sendo

noite nos poremos outra vez a caminho, passaremos o *Pontal* e d'alli viajaremos por terra até encontrarmos um lugar onde possamos nos estabelecer, e teus parentes nunca poderão perseguir-nos.

— Grande poder tem tuas palavras sobre mim! por maior que seja o meu susto, em te ouvindo fallar recobro socego.

— Oh! tranquillisa-te, minha querida amiga, que nada tens a temer, e desse modo farás a minha ventura.

— Como estás molhado! disse a joven passando a mão pelo peito do moço repassado de agua; com que vigôr trabalhaste para supperar o perigo que nos cercava! Ah! Leonardo, se eu não te amasse como te amo, creio que meu amor se manifestaria vendo a tua coragem.

— Minha Narcisa, os teus louvores me fazem ditoso, porém tudo deves a ti; se fui valente, se fiz bravuras, tudo é obra tua: era para salvar-te que eu trabalhava com tanto ardor, era para preservar-te mesmo do menor incommodo, que eu fazia serviços dos quaes me não julgaria capaz.

— Bom e generoso Leonardo!.. para que Deos te fez nascer em uma condição em que meus irmãos te não podem apreciar?!

— Oh! quanto a isso, cala-te, minha querida; teus irmãos só á riqueza e a um grande nome dão apreço.

— Pois é justamente o que acabo de dizer. Se tivesses nascido nesse circulo que o mundo chama illustre nascimento, não serias delles desprezado.

— Mas tambem eu não seria Leonardo, e desconheceria os dotes de tua alma; não gozaria as ineflavéis delicias de um amor puro e honesto, que se infiltra nas minhas veias como o ar que respiro. Rico e poderoso, minha amiga, a cobiça só me guiaria a ti, e o amor que tu me inspirarias, seria um capricho, uma paixão dos sentidos, que alguns dias de gozo bastariam para m'a vulgarisar, e buscaria longe de ti, e com rivaes que te substituíssem, a distracção que teus encantos já me não podiam dar.

— Oh! pois é assim o casamento dos ricos, dos nobres?

— Sim; eu jámais te fallaria a sós, se não com tanta polidez, como se fosse a primeira vez que te visse; jámais entre nós haveria esta amavel expansão d'alma, essa confiança reciproca que faz a felicidade da vida domestica e que é a delicia do amor conjugal. Andaria sempre cuidadoso de, na tua presença, guardar tanto decoro que te obrigasse a respeitar-me como teu superior, e pela tua timidez alcançar a tua obediencia e felicidade.

— Oh! meu Deos! que horrendo quadro! Antes quizera ser freira!

— Sim, minha Narcisa, e mais ainda t'o daria a

conhecer, se não temesse* contristar-te. Deixemos esses pensamentos tão penosos para a tua mente tão pura. Tu me amas tal, qual sou, e eu te amo pelas uas raras virtudes, pelo teu coração, por tudo emfim de sublime que possues e quem faz amar em ti a Deos que me deu a vida.

Dizendo isto, elle apertou em seus braços a moça, e sua bocca procurou os labios da donzella como a flôr desfallecida pela tempestade procura os raios do sol para reviver! O filho da India deitou a cabeça de sua amada no seu peito, como se fôra a de uma criança e procurou acalentá-a como a mais terna mãe acalenta seu filhinho. Dorme, dorme aqui, dizia elle embalando-a, sobre este coração que sentes bater tão fortemente, porque só por ti palpita.

— Sim, meu bom amigo, dormirei aqui, e meus sonhos serão felizes assim embalada!.

Contemplando com ternura o oval primoroso d'aquelle bello rosto, como a mãe do deserto contempla gloriosa as feições do filhinho que ella embala no berço aério, que ergueo entre os ramos da magnolia, o mancebo sentia o coração transbordar de doce felicidade, e outra ambição, outros desejos não vieram embaciar a pureza de seu sublime amor. Era por certo um quadro tocante e bello o que completavam esses jovens e castos amantes! Dentro da gruta reinava profundo socego, só se ouvia o arruido exte-

rior da chuva e do vento, junto com o longinquo som do mar, que furibundo batia na praia.

De repente, bulha de passos e vozes se fizeram ouvir, e logo ao mesmo tempo a gruta foi inundada de luz pelo clarão de tochas que muitos homens traziam. Os dous moços estremeceram sorprendidos, e a irmã de D. Martin de Villar ainda não tinha bem despertado de seu primeiro abalo, quando pensou morrer de susto reconhecendo diante de si seus terriveis irmãos!.. A esta vista, chegou-se ainda mais, agarrando-se com todas as suas forças ao homem que no mundo era tudo para ella.

O *homem grande* estava de pé defronte de sua irmã encarando com furor concentrado o grupo encantador dos dous amantes. Sua raiva mal dissimulada, rugia dentro d'elle como os mineraes dentro das entranhas da terra se debatem fazendo-a estremecer antes de sahirem em accesos volcões; nada, comtudo, trahia essa medonha colera se não um pequeno e rapido estremecimento nos musculos. Seus olhos estavam vermelhos como os olhos de tigre, e seus labios ora contrahidos, ora dilatados em sardonicos sorrisos, mostravam, quando se abriam, dentes grandes e agudos, como as pontas delgadas de um rochedo, que um cataclysmo abriu pelas suas bases! Grande tinha sido a sua surpresa quando reconhecera o filho de Ephygenia como raptor de

sua irmã, e era esta vista o que augmentava a sua colera até ao ponto em que acabamos de expôr.

Leonardo olhava para o irmão de sua noiva, com olhar seguro e impassivel. Esse joven não se parecia com os seus companheiros de infortunio, e os Villares mal o conheciam. Sorprehendidos tão cruelmente em seus sonhos dourados de amor e de ventura, elle não tinha tempo de dar um passo além do seu posto; e quando tornou a si desse inesperado encontro, tinha-se sentido agarrado pelo ente que, fraco, e precisando do seu apoio, o tornava valente e forte.

Cheio de gl'oria pelo thesouro que guardava, não tendo em sua consciencia nada que exprobar-se, o seu grande amor por D. Narcisa não era um crime que o fizesse baixar a cabeça diante dos orgulhosos parentes da moça, e se tinha recorrido á fuga, como unico meio de ser seu marido, era porque conhecia a impossibilidade invencivel ao consentimento de seus irmãos. Mas elle havia respeitado, como devia, a nobreza de seu character. Havia temido ser encontrado, não como o traidor teme o seu juiz, porém para subtrahir a sua amada á vingança cruel, que estava certo ella soffreria. Na tyrannia e despotismo dos Snrs. de Villar havia encontrado motivo para proteger uma infeliz senhora, e no seu amor tinha achado o direito de a defender. Agora, porém, que o tinham sorprehendido e que não havia nenhum

meio de subtrahir a donzella aos insultos e vituperios que lhe escarrariam á face esses homens sem coraçaõ, o filho de Ephygenia apresentou-se ante o poder e a riqueza defendendo com franqueza e lealdade a honra da nobre orplã, que a calumnia começava a manchar. Quanto á idéa de ser della separado, jamais pôde ter entrada em seu pensamento.

— Cão, que fazes ahí? disse por fim o *homem grande* ao moço, fazendo explosão de sua raiva. Estás incumbido de guardar o somno desta senhora? . . . accrescentou com a mais cruel ironia, fazendo allusão ao modo em que havia encontrado sua irmã na companhia do moço.

— Quasi que se approximou da verdade, senhor, porque a esta senhora tenho por obrigação proteger, disse Leonardo com um tom cheio de dignidade.

— Ah! sim; a tempestade a obrigou a recolher-se aqui, e tu a tens acompanhado, tornou D. Martin simulando a verdade; serás pago do teu serviço, meu rapaz. Por agora deixa-nos alliviar-te d'esse trabalho; nós a conduziremos á casa. . . e approximou-se brutalmente da moça.

— Não lhe toque, senhor; esta senhora nada quer de V. S., disse o moço resoluta a guardar por qualquer meio o seu thesouro.

— Ah! ah! ah! Pois ella por ventura não sabe que sou seu irmão? tornou o Snr. de Villar disfarçando a raiva com estrondosa gargalhada.

— E o senhor não convem nos direitos de um esposo?

— E quem é esse esposo? perguntaram muitas vozes.

— Eu!!!.. disse Leonardo com sublime e justa altivez.

Os irmãos de D. Narcisa estremeceram com esta declaração, e não puderam deixar de admirar a coragem desse joven que assim affrontava destemidamente a sua colera. Elles o encararam bem, pela primeira vez; a expressão desse nobre rosto de moço, que começava a tingir-se de um fino buço, os tocou; e por um instante a coragem e a belleza dominou o orgulho e o poder.

Mas esse imperio foi de curta duração. O tom de convicção com que o filho de Ephygenia tinha dito ser esposo de sua irmã os assustou um momento; porém a soberba domou todos os escrupulos e decidiram-se a romper uns laços que elles diziam nullos, por não serem compatíveis com a sua gerarchia, por isso, depois de curta reflexão, tornou D. Martin enfurecido:

— Quem te permittio, insolente, assim te exprimes com teu senhor? Com que direito te dizes esposo desta senhora? Acaso esqueces a distancia que vai de ti a ella? Não sabes, ignorante, que ella é a nobre filha de um fidalgo, cujos avós honram a historia com sua nobreza e feitos d'armas, e tu és o

semi-selvagem que eu fiz educar christamente? Infame, terás bem depressa o castigo da tua insolencia! e, dizendo isto, aproximou-se da moça.

— Repito-lhe, senhor, tornou Leonardo, que esta senhora me pertence; V. S. tem perdido nella todos os seus direitos.

O moço amava tão intimamente, e acreditava tanto no poder do amor que o unia a D. Narcisa, que se julgava com direitos sagrados sobre a joven senhora que lhe não pertencia ainda legitimamente.

— Meu irmão, disse D. Luiz de Villar, este rapaz sem duvida enlouqueceu, ou então é um meio que elle procura para subtrahir-se ao castigo que teme. Não decorreram mais que cinco horas, desde que esta senhora desapareceu do salão; o tempo não sobrou a irem longe: onde pois se casaram! Será crível que o nosso capellão ou vigario nos enganasse, unindo-os clandestinamente?

— Sim, é verdade, insistiram todos os Villares com uma voz: diz-nos, insolente: quem foi o padre que abençoou o teu casamento?

Leonardo guardou silencio por alguns momentos, durante os quaes percorreu com a vista todos os rostos hediondos desses homens que se tinham atirado a elle como uma matilha de tigres. Resoluto a defender a donzella de Villar, nem um instante o medo lhe aterrou o animo. Suas faces estavam tintas de ligeiro encarnado, os aneis de

seus finos cabellos deitavam-se ainda pesados de agua sobre seus hombros, seus olhos, de uma belleza sublime, tinham a expressão da coragem, que dá a mocidade em toda a sua força, e o amor puro e supremo.

Elle estava bello a admirar ! mas o seu sorriso, um tanto desdenhoso, fazia bem conhecer que dentro de seu coração se dava uma luta cruel. Era insultado, e soffria impassivel os insultos que lhe faziam, porque eram dirigidos pelos irmãos da mulher que amava.

— Snr. Çavalheiro, disse elle por fim ao *homem grande*, que já começava a impacientar-se, assim como os outros, de seu silencio ; não é o temor do castigo que a sua colera me promette, que faz fallar, é a convicção que me ordena que eu tenha hoje com V. S. a linguagem da franqueza, embora consequencias que vierem tornem-se contra mim Se fui tardio nesta explicação, certo que a minha vontade não interveio n'isso. Amo a senhora sua irmã e sou della amado. Este amor teve o seu principio nos dias da nossa infancia ; entretanto, senhor, elle nunca seria declarado de um para outro senão fôra o casamento a que V. S. a submetteu.

— Ah ! eis ahi explicada a repugnancia que mostrou a ingenua menina, quando lhe propuz o casamento ! exclamou D. Martim com ironia.

— Ah ! disse entre si o Coronel, eu não me havia

enganado: aqui está demonstrada a sua indifferença!.. E olhou para o bello semblante do filho da indigena, como para nelle achar uma indulgencia áquella, que por elle tudo havia sacrificado!

— Comtudo, senhor, nós esperaríamos muitos annos que o seu consentimento nos dêsse a ventura de podermo-nos unir pelo casamento, se V. S. não submettesse sua irmã a uma despotica obediencia. Ella tinha-se proposto ao suicidio como o unico santelmo de salvação que a livraria de uma vida intêira de desgraça, e eu me apeguei á idéa de subtrahil-a á essa desgraça que a ambos nós feria mortalmente. Tendo tudo prompto de ante-mão para a nossa sahida destes sitios, aproveitei esta noite de festa e de ruido, que vinha proteger a minlia felicidade, para o fim que tínhamos em vista. O acaso permittiu que eu podesse penetrar até onde estava a Snra. de Villar. Encontrei-a no momento solenne em que a desgraçada joven lutava entre o amor da vida e a necessidade da morte. Sua irmã, senhor, hesitou algum tempo ao meu convite; não foi senão temendo a minlia perda que accedeu aos meus desejos. Sahimos destes sitios com firme resolução de alcançar um padre que nos unisse, e no lugar que mais conviesse á nossa tranquillidade, ali fundarmos nossa residencia. A tempestade veio como um enviado do inferno desviar-me do meu rumo. Lutei com os elementos por trez horas inteiras, e exhaus-

to de forças, aceitei o asylo hospitaleiro que me offerecia este lugar, bem longe de esperar que aqui teria de me encontrar com V. S.

— Infames! rugiram muitas vozes logo que Leonardo acabou de fallar.

Houve depois algum momento de silencio ; D. Martim o interrompeu :

— O crime que por tua boca acabas de confessar é tão grande, que tu mesmo não o podes comprehender.

Estás longe, rapaz, de conheceres a delicadeza dos sentimentos das pessoas de nossa gerarchia; se fôras um fidalgo, bater-me-hia contigo, e seria a nossa espada quem vingaria a minha honra ; porém tu só deves ser morto como um cão.

Bem vêes pela nossa visita inesperada que te seguimos de perto, e isto te póde lembrar que o nosso braço ter-te-hia procurado em qualquer escondrijo a que o teu crime te fosse abrigar. Quanto ao que esperas, jámais obterás nossa clemencia ; seria uma loucura. Nós outros não a devemos ter com gente da tua qualidade.

O moço nada respondeo a este ataque de cynica crueldade; sómente, pela extrema palidez de que se cobrio de subito seu rosto, dava a conhecer os sofrimentos que lhe abalavam a alma.

A joven senhora que elle tanto amava, unia-se a seu peito, como estes tenros arbustos que para vive-

rem se ligam á grandes arvores onde se enroscam animadas com a seiva, de que nellas se alimentam. Elle a sentia alli contra o seu coração, e arranca-a d'esse lugar só depois de sua morte.

O Snr. de Villar, querendo dar fim a esta scena, chamou o Coronel de parte, e entregou-lhe a pessoa de Leonardo.

Guardai-o, meu amigo, porque é a vós que isso compete. Quanto a esta outra infame creatura, que nos deshonra, torna a pertencer-me. Não vos deveis preoccupar um momento com a criminosa scena que presenciamos. O seu castigo lavar á a no-
doa, que nos não póde manchar.

— E' ainda muito joven, meu amigo, e devemos desculpal-a, porque ella só foi imprudente e não criminosa. O unico culpado é o infame seductor.

— Oh! não a desculpeis, Coronel, ella é indigna de toda a indulgencia. E dizendo isto, encaminhou-se para o grupo dos dous jovens.

— Imprudente . . . mas não, não é culpada, repetiu ainda o militar.

A donzella não havia perdido uma só palavra d'esse importante colloquio, mas não conhecendo a voz de quem assim intercedia por ella, por lh'o impedir a posição em que estava, agradecia-lhe intimamente a justiça que lhe rendia ao ultrage que seu irmão havia proferido. Mas estas ultimas palavras produziram nella um choque magnetico. Le-

vantou-se do lugar em que estava, como a leoa ferida :

— Quem é que protege a minha honra contra a calúnia? perguntou ella olhando de face a todos os assistentes, com a magestade de uma rainha.

— Eu, senhora . respondeu uma voz de homem que se aproximou ; porque vos amei loucamente, e porque, ai de mim ! ainda não posso deixar de estimar-vos !

— Ah ! . . gritou a joven recuando e cobrindo o rosto com as mãos, reconhecendo no carão pallido e sombrio d'esse homem o Coronel.

— Basta, exclamou o *homem grande*, Coronel ; este homem, designando o filho de Ephygenia, ficará nesta ilha, que elle proprio veio escolher para seu carcere, guardado por tres homens que não o deixarão dar passo algum além desta gruta. A vós, meu amigo, interessa a sua segurança. Quantó a esta senhora, ordeno-lhe que nos siga. O' lá, rapazes, gritou da entrada da gruta aos que estavam no escaler, cada um a seu posto. E encaminhando-se depois á Snra. de Villar, venha, senhora, e offereceu-lhe a mão com graciosa polidez. A donzella recuou como se fosse tocada por um reptil.

— Não, disse ella com sublime coragem, não vos seguirei.

— E porque não nos seguirá, senhora? disse desdenhoso o cavalheiro.

— Porque já não sou vossa irmã. Que quereis de mim? Deixai-me; para que esta insistencia a respeito da minha pessoa? Despresei-me quando acompañei este joven, accedendo em ser sua mulher; quebrei todos os laços que me ligavam á minha familia. A fidalga fez-se plebéa, a nobre filha do poderoso Snr. de Villar perdeu seus foros e não é mais do que a humilde e pobre noiva de um homem obscuro.

— Maldição!!! maldição!!! exclamaram os tres irmãos desolados.

— Não entrarei assim mauchada n'uma familia que já me não pertence. E tudo isto é obra vossa. Abandonada por vós fui, na minha orphandade em terra estrangeira; tivestes a crueldade de me condemnar ao isolamento; a mim, pobre eriança, que apenas contava onze annos!

Dous corações caridosos me tomaram em sua affeição. Um protegeo a minha infancia, o outro divertia-me com seus brincoos proprios da minha idade, e me fazia esquecer as tristes idéas que já tão cedo me faziam chorar! lembrastes-vos de mim, quando por calculos de vosso interesse me quizestes vender a titulos, pompas e riquezas sem numero, que vinham encher o vosso orgulho: o que sei eu? completar vossos planos de ambição. Nem um momento, a felicidade do meu coração veio lembrar-vos que a mulher vendida no casamento, nem sempre

acha ventura no ouro de seu preço. Todavia, quiz, não obstante, obedecer-vos, impondo-me a condição de morrer logo depois destes funestos laços, para subtrahir-me á infamia de enganar a dous homens que tinham direito á minha lealdade. O amigo de minha infancia, me appareceu neste momento supremo em que eu me apromptava para um duplo sacrificio. Nesta pungente hesitação, em que meu coração lutava entre o amor da vida e o horror do crime, que ia commetter, vivendo, elle veio ainda desta vez proteger-me e livrar-me d'uma nova desgraça. Acompanhei-o resolvida a compartilhar sua sorte, fosse ella qual fosse. Agora conheceis o motivo porque não me posso separar de Leonardo, e porque já não sou vossa irmã. .

— Desgraçada, acudio D. Luiz, o segundo irmão ; sabes o que tens proferido ?

— Sim, sei ; os laços que me prendiam ao circulo em que nasci, estão quebrados para sempre . . .

— Horror ! exclamou enfurecido D. Martim como o leão ferido. Mulher infame, que barateaste pelo vil preço da deshonra o nome illustre de teus pais ! eu te acompanharei, mas será para fazer do teu indigno cadaver o pasto dos abutres.

— Senhor ! disse Leonardo levantando-se de um salto, o que ha pronunciado ? blasfema, senhor !

— Cão damnado, toma para teu ensino.

E com uma espada que trazia por baixo do capote

te, que o cobria, D. Martim deu no moço um golpe que seria mortal se o joven o não apparasse com destreza. Vendo fallado o seu primeiro intento, deu um bote para se apoderar da pessoa do mancebo; mas este fugindo com agilidade, inutilisou todas as suas tentativas, redobrando com isto o furor de seu inimigo. Matem-n'ol gritou o horrivel contendor a seus irmãos, não podendo já ser senhor de si!

Então começou na gruta o combate o mais desigual e barbaro que se tem visto no mundo. Quatro espadas se cruzaram contra um joven que apenas sahia da adolescencia, e o qual fazia prodigios de valor, defendendo-se corajoso e destro dos golpes de seus assassinos.

— Senhores, gritou D. Narcisa no meio dos combatentes, isto é indigno de fidalgos, é um assassinato e não um combate!

— Os fidalgos não combatem com os seus subordinados, matam-n'os quando elles são atrevidos, responderam os Villares.

O conflicto durou meia hora com furor. Leonardo, sem armas, sómente guiado pela sua natural coragem, e pelo desejo de viver para o amparo do anjo que adorava, não podia por muito tempo vencer os golpes de mãos adestradas ao jogo das armas. Procurando então dar um golpe decisivo, que acabasse a contenda, que já começava a cansal-o inutilmente, abaixou-se para apanhar uma pedra das muitas

que tapeçavam o chão. Os seus inimigos, aproveitando-se d'esse breve instante de desgraçada imprudencia, lançaram-se a elle e derrubaram com quatro cutiladas que o traspassaram de um lado a outro.

O filho de Ephygenia levantou-se valorosamente, empregando nesse sublime esforço o resto de suas forças, mas suas pernas fraquearam; cahio de novo banhado de copioso sangue. Então agarrando-se a um sopro de vida que ainda o animava, levantou o corpo em meio, meneou sua mão direita, empregando todo o seu vigor, e desfechou com um desesperado impulso a pedra que havia apanhado. Cahio então sem dizer um ai, e quasi afogado nas torrentes de sangue que sahiam de suas quatro largas feridas! Outro corpo inerte rojou tambem pela terra ao mesmo tempo. A pedra, atirada ao acaso, tinha dado em cheio no craneo do Coronel, e os miolos do desgraçado fidalgo haviam espirrado pelos circumstantes! Então D. Luiz furioso, cedendo a uma barbara inclinação, atirou-se ao desventurado mancebo, e com um joelho sobre o estomago procurava acabal-o de matar, ignorando que elle já estivesse morto!.. A esta nova fereza, D. Narcisa deu um grito supremo, grito sahido de suas entranhas, que retumbou por toda a gruta, o qual foi respondido por outro igual, da parte de fóra, que fez estremecer os assassinos.

Viu-se então entrar pela gruta uma mulher alta,

de braços nús, toda desgrenhada, e cujos vestidos molhados estavam na maior desordem.

— Suspende, monstro! disse ella encarando o assassino com magestade; não commettas um novo crime, não mates teu filho!

— Meu filho?! respondeu, levantando-se, D. Luiz: e quem és tu que assim me fallas?

— Sou a filha do Cacique da Tribu Tuppy, que deu-te hospitalidade nas praias desertas da Jurhéa, onde havia a tua não naufragado, e onde por meu pai foste livre não só da morte, como de cair em poder dos Botocudos, cuja crueldade não te havia poupar; mas em vez de reconhecer o beneficio, seduziste sua filha unica e a abandonaste depois de a perder. Sabendo ella então que um fructo do seu desgraçado amor alimentava-se no seu ventre e couheendo o desprezo e a execração a que esse pobre innocente seria votado desde o seu nascimento por toda a Tribu, correu após teus passos. Errante andou muito tempo, crendo achar-te em cada dia que ella via o sol.

Seu filho nasceu nesta triste lide; n'uma noite de tempestade, como a de hoje, não tendo uma cabana para o abrigar, e só os bafejos da pobre mãe que se esquecia de suas dôres por amor de seu filho, aquecia essa criança que tremia com frio. Abatida pela dôr e pela doença, a desgraçada mãe afrouxou de actividade; não podendo fazer longas marchas para

poupar seu filhinho, ella parou algum tempo n'um sitio em que achou commodos para vida; foi ahi que a tua gente a apanhou e a trouxe para a vivenda dos *brancos*, onde ella se resignou a viver na escravidão: essa mãe desamparada que procurava incansavel o pai de seu filho, sou eu, a quem fizeste baptisar com o nome de Ephygenia, e teu filho com o de Leonardo!

— Meu Deos! exclamou a filha dos *brancos* pondo as mãos: porque mysteriosas relações aproximaes os entes que se devem amar? Ah! Leonardo, assim se explica o grande amor que me inspiraste!..

— Retira-te daqui, infernal embusteira, gritou D. Luiz sahindo dessa especie de espasmo em que tinham cahido todos os circumstantes ao ver a indigena: queres com tua historia atenuar o crime dessa desgraçada que tu induziste ao erro, com teus sortilegios? Vai-te, não te conheço, nunca te vi!

— Nunca me viste?! Não me conheces? tornou a selvagem! Olha, vê este — L — e este — V — que gravaste com teu estilete no meu peito no dia em que pela primeira vez me juraste um eterno amor. Não te recordas dessa tarde memoravel em que, sentados á sombra de frondosas palmeiras, tu me repetias que eu era a mais bella donzella de toda a Tribu?! Ainda não me conheces?.. Nunca me viste? Toma, vê este retrato que me déste em penhor de nosso amor, e que tenho guardado como o unico dote

de meu filho: tu então dizias que eu com elle me parecia!

E a filha dos Caciques tirou do peito, onde trazia pendente a uma corrente de ouro, um medalhão que representava o semblante de uma mulher ainda moça e bella, e cujos olhos espremiam nimia bondade. Circulavam-lhe uma madeixa de cabellos louros e finos como os de uma criança.

— O retrato de nossa mãe exclamaram a um tempo os Villares com profunda emoção, apoderando-se do medalhão! . .

— Esta mulher é uma ladra, gritou D. Luiz furioso; amarrem-n'a, disse voltando-se para a sua gente, para ser açoutada no meio da povoação, a fim de exemplar os outros.

— Sim, é uma ladra infame, gritou D. Martin cheio de raiva, que se atreveu a roubar meu irmão no seu naufragio; é uma mulher perdida que se afouta a apparecer ante mim com historia horrivel para chegar a seus fins; amarrem-n'a! . .

— Oh meu Deus! disse Ephygenia implorando ao céu; em tanta perversidade não havia eu sonhado! Meu filho, tudo tentei para salvar-te, para te dar a ventura que mereces. Por milagre salvei-me das ondas furiosas que me queriam engulir; séguindo-te, chego aqui e revelo o segredo do teu nascimento que eu quizera que sempre fosse ignorado por ti; porque sei quão desgraçado te acharias sabendo-o,

sendo a deshonra da Tribu. Ouve, meu filho, exclamou a desventurada mãe percorrendo em derredor da gruta, affrontei a ignominia, fui negada por aquelle que me deve mais que a vida, soffri os escarros do insulto e do vitupério, eu, a nobre filha de um Cacique!. Tudo, tudo fiz por ti, meu filho querido! Mas tu me recompensarás, não é assim? O teu perdão, o teu amor extremo rehabilitará tua infeliz mãe, e eu esquecerei todas as angustias que soffro neste momento. Oh! o teu perdão, meu filho, o teu amor!

— Só no céo, minha mãe, exclamou a Snra. de Villar com doce inflexão de voz, elle vos pagará esse amor tão extremo; porque vosso filho já não pertence aos vivos!..

— E onde está elle?.. perguntou a amargurada mãe com a vista turva pelas palavras que acabava de ouvir.

— Eil-o!!!.. apontou a donzella para o cadaver de Leonardo!..

— Que! meu filho... morto!.. o filho... de... minhas entranhas!.. o meu.. Leonardo. sem vida. ah! e morto por quem?! por *elles!* por seus... tios... por... seu pai!!!.. Oh! accrescentou Ephygenia, ajoelhando-se e estendendo a mão com sublime expressão de dôr, e com voz solemne fixando D. Luiz; tu que seduziste a filha de teu hospede, tu que negaste o mais puro e sincero amor:

tu que desconheces as mais sagradas leis da natureza, tu que não tens coração senão para forjares o mal, homem degenerado, eu te amaldição! . .

— Levem d'aquí aquella mulher, disse o *homem grande*, designando a joven senhora que estava ajoelhada junto ao corpo do morto, rompendo o longo silencio que se seguiu á maldição da india. E deixem esta louca que nos veio interromper com lamurias estudadas.

— Vinde, senhora, disseram os dous irmãos mais novos, approximando-se da donzella com certo respeito, porque esta joven tinha um exterior tão tocante que subjugava o proprio vicio; dignai-vos acompanhar-nos.

— Acabai vossa obra, meus irmãos, disse a moça com uma voz doce e cheia de celeste uncção; o que intentais é matar-me, não é assim? Vossas mãos ainda não estão bem tintas de sangue, pois apressai-vos que desejo ir reunir-me a meu esposo que me acena lá do céu. Não é hoje a minha noite de bôdas?! acrescentou ella desvairada. Fazei-me o unico bem que terei de vós recebido: o de morrer junto ao corpo de Leonardo.

Os dous moços estremeceram com estas palavras, e seus olhos involuntariamente se fixaram no cadaver do mancebo.

— Sim, tu morrerás, mulher indigna, acudio D. Martim, que prostergastes todas as leis da honra e

da nobreza, entregando-te a um homem sem nome e sem nascimento; porém em consideração á minha qualidade não morrerás como esse cão; has de morrer como christã, para que tua alma não se perca na Eternidade. Ah! o castigo do teu crime começa neste momento pela tua vergonhosa confissão.

Oh! lá Snr. vigario, entre para cá, que tem que fazer. Dizendo isto, sahio com os outros irmãos da gruta, fazendo nella entrar o padre que o havia acompanhado. Era este um santo homem, que fazia as funções de vigario na villa, e tinha sido convidado por D. Martim n'aquelle dia para exercer outros deveres do seu cargo bem diferentes dos que agora ia preencher! . . Quando o padre sahio da gruta, ia extremamente commovido. Chegou mesmo a implorar com lagrimas o perdão da infeliz.

— Ella não é culpada, senhor, é um anjo que vô para o céo!

— E' uma hypocrita, uma viciosa, meu padre, que até mesmo a vós soube enganar. E' preciso que morra para não existir na nossa familia uma nodoa.

— Senhor, vêde o que ides fazer; vós culpais uma innocente, Deos é justo e não deixará sem castigo o vosso peccado.

— Fostes aqui chamado, meu padre, para confessar esta peccadora, fizestes o vosso dever, retirai-vos: o resto só a nós compete decidir.

— Enganai-vos, senhor, cumpro a vontade do Divino Mestre, livrando do crime a mão que nelle vai manchar-se. Esta donzella é innocente, vós a ides matar sem a julgar. Sois um assassino! . .

— Retirai-vos, padre, respondeu D. Martim indignado. senão quereis ir d'aqui levado de outro modo: jámais um Villar deixou de fazer justiça como merecem os delinquentes.

— O céo tomará á sua conta fazer-vol-a tambem: murmurou o sacerdote, sahindo.

Os Villares, retardados na execução de sua virgãça, entraram na gruta impacientes e irados. Estavam alli duas mulheres junto ao cadaver ensanguentado de um maneco de notavel belleza. Uma, era a expressão da desesperação selvagem; estorciasse, rolava pelo chão, rompia suas roupas e ensopava suas negras e longas tranças no sangue que corria do finado. Outra parecia o anjo mandado do céo para guardar o corpo do eleito do Senhor das vistas profanas dos impuros; sendo breve a sua viagem na terra, olhava para o céo como o remanso que seus olhos buscavam, horrorisados das torpezas dos homens! Sua belleza tinha alguma cousa de celeste; suas brancas vestes, seus cabellos soltos á vontade pelo peito e hombros, seu véo de noiva que lhe cingia a fronte como uma aureola de santa, seus olhos que brilhavam com um fulgor desconhecido, davam a sua pessoa um perfume verdadeiramente

angelico. Estava ajoelhada e orava com fervor! D. Narcisa de Villar esperava com firmeza a vinda de seus algozes. Pertencendo já ao céo, esquecia a sua dôr para só consolar com doces palavras a desgraçada mãe, que ia ficar só no mundo! Os assassinos se approximaram da victima, e sem se condoerem de tanta belleza e mocidade, com as proprias tranças de seus negros cabellos a soffocaram . . . Sem muito esforço dos malvados, a donzella cahio sem vida, como a tenra avezinha é esmagada pelas patas do quadrupede!

IX.

Alto já ia o dia que succedeu a esta terrivel noite. Uma cova se abria no fundo da gruta da *Ilhado Mel*, ao pé mesmo da pedra em que na vespera estiveram assentados os dous jovens para recolher os dous entes que tanto se haviam amado na vida, e tão desgraçado fim tiveram! . . Só uma mãe podia praticar tão piedoso quão doloroso cuidado! . .

— Elles ao menos não serão desunidos depois da morte! . . dizia a pobre Ephygenia enterrando os entes que ella no mundo mais havia amado! . .

Cobriu-os de terra. Quando seus rostos desapareceram totalmente debaixo do chão, e que ella plan-

tuou uma tosca cruz de páu, unico distico d'esse rustico tumulo, a infeliz mãi não pôde resistir á tanta dôr e cahio doente. Longa foi a sua enfermidade, mas nunca mais sahio d'alli; fez sua morada no mesmo lugar em que seus dous filhos estavam sepultados!..

CONCLUSÃO.

D. Martim de Villar morreu de uma molestia desconhecida. Um verme que se creou no nariz d'esse ambicioso, semelhante a um d'esses que se reproduzem nas arvores, o matou cheio de soffrimentos e de remorsos, indo em romaria a Iguape implorar ao milagroso *Senhor Bom Jesus Apparcido*.

Dous annos de soffrimentos horriveis e dia por dia depois da noite fatal de assassinatos, lhe fizeram entrar o arrependimento no coração, de sorte que fez muitos legados de sua immensa riqueza, e a igreja matriz da villa de Guaratuba é um d'esses legados.

Seu irmão., D. José de Villar, foi accommettido de melancolia. Em um dia viram-n'o deixar a casa taciturno e pallido, e nunca mais a ella voltou. Morreu frade n'um convento de franciscanos em Braga.

Restava o do meio, Sr. D. Luiz, o unico representante d'essa nobre e grande casa dos Villares.

Um ataque apopleptico o poz em risco de vida trez mezes depois da morte do primogenito. Quando esperavam que sua saude ia restabelecer-se, foi atacado de alienação, de sorte que corria furioso para o interior dos matos virgens, declarando guerra desabrida aos macacos que apanhava e cria haverem-lhe roubado seu filho.

Uma noite depois de uma medonha tempestade foram-n'no procurar com archotes nos matos virgens que ficam a leste da *Ponta Grossa*, e depois de muito trabalho o encontraram morto, inteiramente desfigurado, com o corpo cheio de dentadas de animaes.

Não se soube se na realidade querendo dar um assalto aos traquinos saltimbancos dos bosques estes o atacaram deveras e vingaram com suas arteiras unhas, e seus dentes miudos e aguçados como pontas de lancetas, a desgraçada mão de Leonardo.

Só a Ephygenia Deos guardou a sua velhice para dar-lhe a consolação que mereciam suas penas. Um dia em que estava, como de costume, á porta da gruta, olhando a pequena enseada da ilha que já conhecemos, repassando na memoria penosos pensamentos que lhe revolviam n'alma recordações pungentes, foi vista por um homem que comandava um grande navio, o qual perdendo-se no

mar perseguido por grandes tempestades, fizera voto á Virgem de desposar a primeira mulher que encontrasse em terra avistada. (1) E a sorte designou a infeliz filha da tribu Tuppy.

A principio alguma resistencia encontron o penitente da parte da pretendida, mas por fim, cedendo a um pensamento todo religioso, consentio em unir seu destino ao estrangeiro, bem persuadida que recusando o compromisso do *devoto*, desobedecia ás ordens do céo que a tinha escolhido para esse piedoso fim.

Casou-se, pois, com o capitão e depois da galera *D. João I*, e não teve senão que agradecer a Deos por esse consorcio, pois seu marido foi bem differente dos *brancos* que ella havia conhecido antes (não era fidalgo). E' della que descende a illustre familia dos F. . . da provincia de S. Paulo.

EPILOGO.

Quando a noite está escura, e cahe o vento no-roeste, vê-se dous vultos brancos como a neve, atravessarem o mar, vindos da *Ilha do Mel á Ponta Grossa*; e irem costeando até a da *Ponte da Pedreira*. Dalli se transformam em duas pombas brancas, e vôam pelo mesmo caminho que vieram;

(1) Historico.

porém então são perseguidos por tres corvos que procuram agarral-as com seus bicos hediondos, grasnando horřivelmente: chegando bem no meio do mar, os corvos se transformam em *Meninos queimados*, e lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços, illuminando todo o mar com o clarão de suas caudas inflamadas.

Chegando á *Ilha do Mel* tudo desaparece. E' LEONARDO e D. NARCISA DE VILLAR que vêm do céo fazer a sua peregrinação na terra onde tanto soffreram; q's corvos, são os orgulhosos irmãos da santa martyr que estão no inferno todos tres.

Mãe Micaella finalisou assim a sua historia, não sem derramar muitas lagrimas, que ainda lhe arrancava a triste recordação dá infeliz D. Narcisa de Villar; tambem todos quantos a ouviram estavam commovidos porque esta tocante narração tinha muito interessado aos circumstantes.

Quanto a mim, não dormi toda a noite pensando sómente no fim desgraçado da nobre moça portugueza, cuja imagem acompanhou-me por muitos dias ainda; e de tal modo guardei na memoria este exemplo funesto das paixões, que tendo-se passado tantos annos, desde então o tenho tão presente na lembrança que ainda agora o escrevi fielmente.

FIM.

TYP. DE PAULA BRITO—1859.

CORRIGENDAS.

PAG.

LEIA-SE.

12 elles chamam selvagens » elle chamava selvagens.

17 e olhavam entre si » olharam entre si.

22 cheio de graças, e fran-
queza, » de franqueza.

» (2) dá a ave nocturna, » a uma ave nocturna.

23 (11) tomando diversas
mudanças o percebemos, » diversas nuanças o per-
cebemos.

25 O interesse tão vivo que lhe inspirava o soffrimento de
Leonardo, abalava-lhe o coração com grande dosassocego.
Em vão procurava ella saber o que tanto a preocupava,
pois, a vida quasi fraternal que

30 retratando-lhe imagens, » retraçando-lhe

32 Pasado, » passado

33 exprobrava essa morte, » se exprobrava dessa morte

40 o semi-selvagem com a
Sra. de Villar, » o semiselvagem com a no-
bre Sra. de Villar.

41 com dores proprias, » como dores proprias

42 para me colherem, » me acolherem

45 me abatendo até a des-
graça, » que me abatia.

48 seu rosto tingindo, » tingido.

49 quando lhe vinha esse
vago temor, » quando lhe trazia.

PAG.	LEIA-SE.
50 dia tão natavel,	» notavel.
com um annuncio de	
desgraças,	» como um annuncio
51 a escutava com elevo,	» escutava com enlevo
52 licon perturbada,	» perturbada
« sobre a sua pessoas,	» sua pessoa.
54 sua irmão,	» sua irmã.
59 a roga a uma criança,	» a rogar.
67 a tu fé,	a tua fé
71 chama-lo-hão louco!	» chamal-o-hão o louco! o louco!
» que ama deveres,	» ama deveras.
76 de noute mostram tão	
maravilhosamente a ar-	
dentia,	» mostra tão, etc.
80 falla-me d'un modo o	
Coronel,	» Coronel.
82 roubam os fillos,	» roubam.
87 cataratas que se despe-	
nham,	despenhavam.
» leveda pelas ondas,	levada pela»
90 uma malia,	» uma malta.
92 tua obediencia e felicidade	» fidelidad
93 de sublime que possues e	
quem amar,	» e que me faz amar, etc.
» que ergueo,	» que lhe ergueo
95 surprehendidos,	» surprehendido
Mas elle havia respei-	
tado,	» a havia respeitado como lhe devia e a nobreza de seu, etc.
96 de sua raiva	a sua raiva

PAG.	LEIA-SE.
98	Capelão ou Vigario, » ou o Vigario
99	que faz fallar » que me faz fallar
	» embora consequencias
	que » as consequencias que
107	e derrubaram » e o derrubaram.
110	com historia » com uma historia.
118	a da Ponte « a Ponta.



Índice.

Elixir da Vida.

O Libello Brasileiro.

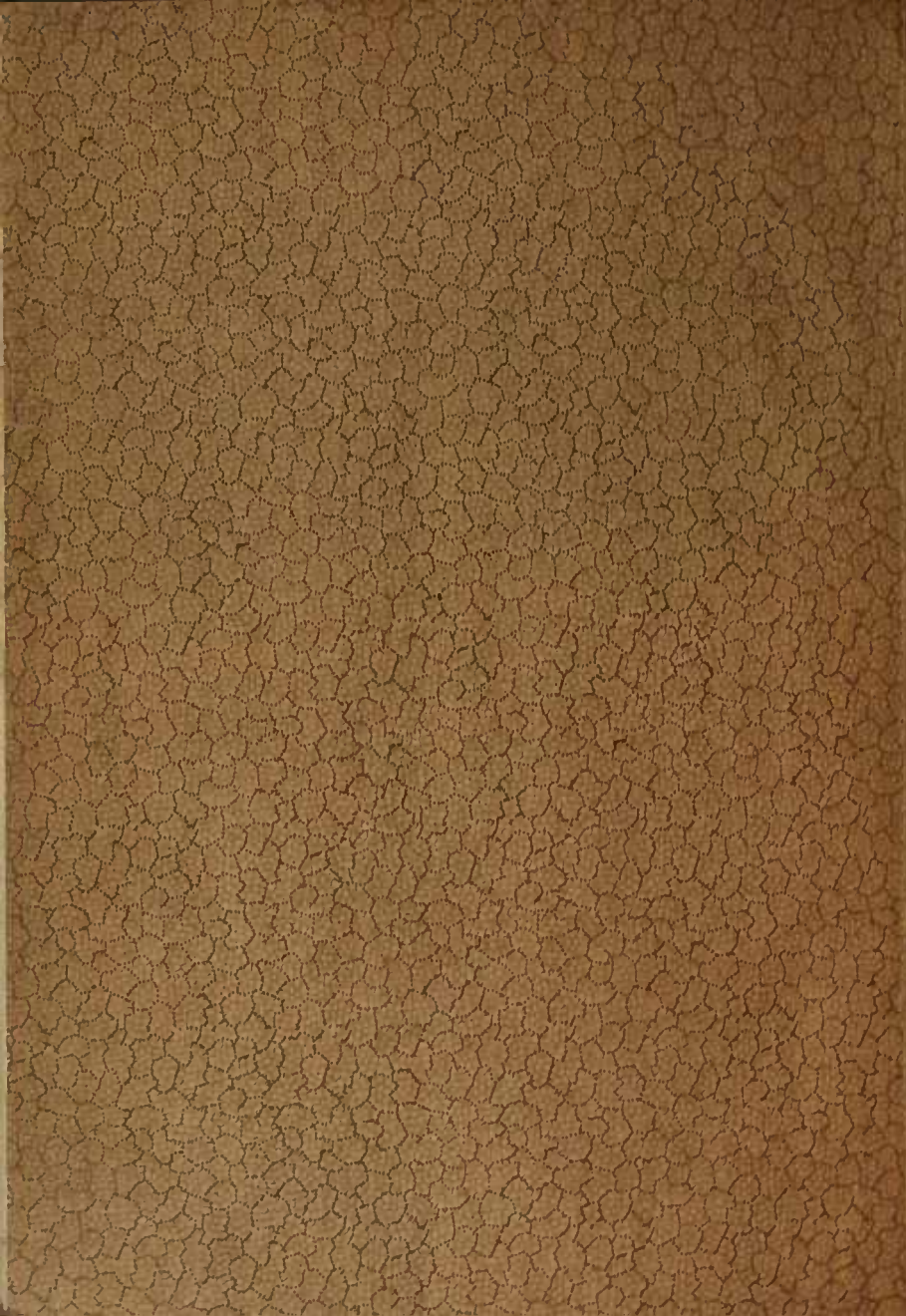
Os Paesagens em Letras.

Thesaurus de Bristol.

O Casamento do Padre

Portes

O Varçosa de Villas.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).